

MIRANDA DE ANDRADE

Professor do Liceu Nacional de Braga

O POETA ANTÓNIO FOGAÇA

(ESTUDO BIOGRÁFICO-CRÍTICO)



1949 • LIVRARIA CRUZ • BRAGA



4.3-1Fogaça, /

A V. ^{ma} Senhor Antonio Silva,
distinto barcelense e illustre
artista, que tã generoso e
vivamente sempre nos culta

O Poeta António Fogaça
de António Fogaça, oferece
com o maior prazer, e agrade-
cendo vários informes que
gentilmente lhe fornecer,

Viramontes

Braga, 16 de Junho de 1949.



0057

MIRANDA DE ANDRADE

Professor do Liceu Nacional de Braga

O Poeta

António Fogaça

(ESTUDO BIOGRÁFICO-CRÍTICO)

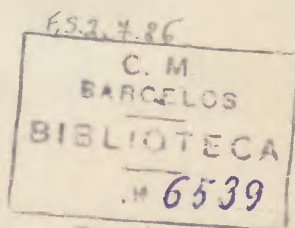


LIVRARIA CRUZ

BRAGA

1949

C.M.B.
Biblioteca



Barcelona
Parn.

Do Autor :

Camões e o Platonismo — 1926.

A publicar :

Páginas de Jornalismo e de Crítica

Ensaio Camonianos



O Poeta António Fogaça
(1863 — 1888)

C.M.B.
Biblioteca

Explicação prévia

*V*ê, hoje, a luz da publicidade este modesto estudo sobre o poeta António Fogaça, concluído há uma dúzia de anos e escrito quando o autor estanciou demoradamente por terras da Beira Alta, aonde o prendiam os deveres do seu cargo.

Destinado a comemorar o cinquentenário da morte do Poeta, a qual ocorreu em Coimbra no ano de 1888, escreveu-o, principalmente, com um duplo objectivo: protestar o seu apreço pelo espírito superior que burilou muitos sonetos formosos e as belíssimas Orações do Amor, e desenterrar um nome e uma obra que não merecem o esquecimento.

Razões diversas não permitiram que o presente trabalho fosse dado à estampa naquele ano, e o autor,

perdida a oportunidade, deixou-o dormir, numa gaveta, o longo sono de doze anos, de que o fez despertar agora, movido por determinantes várias, entre as quais a reconhecida necessidade psíquica de dar-se, cedo ou tarde, realização ao que existe dentro de nós como imperativo desejo ou volição insatisfeita.

Mas, sobretudo, moveu-o a vontade de, em público, render o seu tributo de barcelense à memória de um insigne conterrâneo que foi grande espírito e seria lírico mais do que extraordinário se o destino o tivesse deixado viver mais longa vida.

Ele é uma das glórias da ridente cidade do Cávado, a qual, ultimamente, e só no quartel dum século, viu nascer três filhos dos que mais podem honrar uma terra: o seu maior homem de bem — D. António Barroso; o seu maior artista plástico — Cândido da Cunha; o seu maior poeta — António Fogaça.

Trindade magnífica de que deve orgulhar-se!

Com o primeiro, já Barcelos saldou condignamente a sua dívida. Esperam a sua vez o Pintor admirável e o Vate talentoso, cujos nomes figuram apenas, em magnífica consagração, numa rua e num jardim da terra que lhes foi berço.

Pelo que respeita a Fogaça, a sua consagração e a

perpetuação do seu nome exigiriam da entidade oficial responsável, pelo menos, os seguintes actos:

- 1) colocação de uma lápide na casa onde nasceu;*
- 2) levantamento do seu busto num jardim, entre as árvores e as flores da sua terra;*

3) nova edição dos «Versos da Mocidade», acrescida de muitas produções poéticas que andam dispersas em periódicos do seu tempo e por mãos de parentes, condiscípulos, amigos, ou herdeiros destes, e das inéditas que vão neste livro. Assim se evitaria a perda de muita coisa bela que a musa fogaciana criou com surpreendente prodigalidade.

* * *

Nada se alterou neste estudo, desde que ele se completou, como foi dito, há boa dúzia de anos. Houve só que modernizar o texto quanto à ortografia, em virtude de recentes inovações nessa matéria.

Preferiu-se dá-lo a público tal como ele foi inicialmente concebido e elaborado, pois qualquer modificação pareceu ao autor uma mutilação penosa do que pensara e escrevera originalmente, com a alma fremente de emoção ante a descoberta de um autêntico poeta, seu patri-

cio, cujas vivências de artista simpàticamente entendia, e com os olhos turvados pela saudade deste doce Minho, que, ao longe, ainda mais intensamente sentia no seu sangue...

Mas algumas palavras explicativas acerca da elaboração desta pequena obra serão necessárias. Embora breves.

Ao traçar o autor a vida do Poeta, — aliás tão curta —, não quis limitar-se a uma fria e incolor resenha de nomes, datas e circunstâncias accidentais. Antes quis apresentar a sua vida viva, animada, penetrando no seu intimismo, na sua efervescência espiritual, nas suas situações sentimentais, quantas vezes dolorosas!

Atento à sua vida subjectiva, desejou o autor fazer uma biografia mais do poeta do que do homem — desse moço, afinal, de vinte e cinco anos, estudante de Direito em Coimbra, que tinha dentro de si, como poucos, um magnífico dom: l'art de communiquer «cette partie de notre vie qui semble incommunicable», como Georges Duhamel disse da Poesia.

E não será essa a verdadeira vida quando se tem de considerar um ser que sobretudo viveu pela sensibilidade e pela inteligência?

Não se julgue, porém, um tecido de fantasias e de irrerealidades a explanação da vida do malogrado Poeta.

O autor baseou-se em dados concretos, informes seguros, testemunhos de confiança e nas próprias declarações e confissões do biografado.

A análise literária da sua obra, que se resume à colectânea «Versos da Mocidade», ocupa a maior parte deste trabalho e fez-se segundo um método crítico seguro e já consagrado. Essas páginas de crítica permitem que se emita um juízo de valor sobre a qualidade da poesia de Fogaça e se assinale o lugar que lhe cabe dentro do Lirismo Português.

Ver-se-á que nele existiam as características de um verdadeiro poeta e íntimas afinidades com os nossos maiores poetas — características e afinidades que fazem de António Fogaça não apenas uma eminente figura barcelense, não apenas uma notável figura minhota, mas uma genuína figura nacional.

* * *

Não pode fechar-se este preâmbulo sem uma quente nota de gratidão.

Profundos agradecimentos deve o autor à Senhora D. Maria do Patrocínio Gomes Fogaça, veneranda irmã do glorioso Poeta, e ao ilustre engenheiro Senhor Dr. Cornélio Fogaça Guimarães, seu primo, pela amá-

vel solicitude e nobre gentileza com que sempre o atenderam, ao pedir-lhes informes, esclarecimentos e elementos de que muito precisava para a realização deste trabalho. Aqui se patenteiam, com as mais rendidas homenagens.

Braga, Maio de 1949.

Miranda de Andrade

A Vida do Poeta

I



ANTÔNIO MARIA GOMES FOGAÇA nasceu em Barcelos, no dia 11 de Maio de 1863 ⁽¹⁾. Seus pais, o Dr. Martinho Antônio Gomes de Araújo, médico de profissão, natural de Barcelos, e D. Maria José do Carmo Machado de Miranda Fogaça, da Ilha de S. Miguel, tiveram outros filhos: Maria dos Prazeres, João Carlos, Francisco ⁽²⁾ e Maria do Patrocínio Gomes Fogaça, a única sobrevivente ⁽³⁾.

Curta foi a existência de Antônio Fogaça, como a de seus irmãos João Carlos e Maria dos Prazeres, que o precederam

⁽¹⁾, ⁽²⁾, etc. Ver *Notas Complementares*.

na morte. Caído em plena juventude, aos vinte e cinco anos de idade, quando frequentava o 3.º ano do Curso de Direito na Universidade de Coimbra, depois de ter reunido, num pressentimento, o melhor da sua produção artística, como se em vez de um livro de versos fizesse testamento não das suas vontades mas da sua inteligência, — António Fogaça cabe justamente dentro da grande e nobre família de líricos portugueses que soltaram o seu canto brilhante e apressadamente, adivinhando morte prematura: António Nobre, Cesário Verde, Eduardo Coimbra, Hamilton de Araújo, José Duro, Manuel Penteado, António Schwalbach, Sara Serzedelo e, mais recentemente, Florbela Espanca, a poetisa requintada da *Charneca em Flor*, a estranha contista das *Máscaras do Destino*.

Morrendo na flor dos anos, a sensibilidade do Poeta teve, no entanto, de sofrer, e em breve espaço de tempo, a perda de três pessoas queridas. Isto determinou na sua delicada constituição moral um estado agudo de perturbação nervosa e excitação psíquica, com decisiva influência nas reacções do Sentimento, que se traduziram, esteticamente, no Verso.

A poesia «João», publicada em folhetim, num periódico de que se ignora o título, em 1884, é uma elegia repassada de sincera emoção, um grito de dor pela morte inesperada do irmão mais novo, mais sentida do que escrita, e revela-

dora do estado de profunda depressão moral em que ficou o Poeta. Mas, além disso, a poesia tem o merecimento de ser um esboço biográfico do autor e fornece-nos dados e notícias, — aliás condizentes com as informações que, de boa fonte, possuímos —, que compreendem quase toda a sua vida.

Acompanhemos, portanto, o Poeta no seu recordar e desenvolvamos o que ele, necessariamente, não podia desenvolver.

Decorreu-lhe tranquila a infância, na paz e na ventura dum lar sagrado por todos os affectos puros e bons. O pai,

. esse velho
que estremecia a esposa e que adorava os filhos,

pelos seus era venerado com ternura. Amavam-se os irmãos. Nunca o ambiente familiar se toldara com nuvem de mau prenúncio ou sombra de infelicidade. Constrastando com o presente, o poeta evoca

a antiga f'licidade, as horas de alegria

que gozara em sua casa.

Chegado à idade escolar, estuda às primeiras letras.

Em 1878, cursa preparatórios em Braga (*). Interrompe os estudos e entra na Conservatória de Barcelos como simples amanuense. Trabalha, lê e... passeia. Passeia sobretudo pelas margens do rio, onde lhe succedeu o seguinte episódio, que narra com espontaneidade e naturalidade, e revela um traço do seu carácter :

*Passa na minha terra o Cávado : é sombrio,
profundo e cismador ; e dizem que este rio
tem arrastado à morte envoltos na corrente
muitos dos que ali vão banhar-se. Francamente,
não me veio à lembrança o que por hi ouvia,
quando eu e João fomos, num certo dia,
descansar dum passeio à margem, sobre a areia.
Tinha vasado há pouco uma ruidosa cheia.
Tristonha foi caindo a tarde, e no apogeu
a merencória lua entristecia o céu,
lançando-nos de longe um como olhar de Esfinge !
Ora, a vida ideal, que a Juventude cinge,
quase sempre nos abre a boca dum abismo
que eu chamo — Não pensar —, e tem do magnetismo
o que mais nos atrai no ponto onde a Desgraça
conduz, enganadora, os olhos de quem passa
tendo o p'rito eminente.
Assim nos seduzira a múrmura torrente.*

*Enfim, sem reflectir, lançámo-nos a nado,
quando logo em seguida a termos mergulhado
no Penedo do Enxofre — um poço do demónio —,
me pareceu ouvir distintamente: «António,
acode-me que eu morro . . .» E vi que meu irmão
descia na corrente a batalhar. Então,
num grito de ave ferida em meio dum deserto,
eu corri a salvá-lo. A terra estava perto
e consegui trazê-lo a mim pelos cabelos,
arremessando-o à margem*

.

Tranquilos e alegres correram, pois, os primeiros anos da mocidade do Poeta, no pacato e velho burgo onde nascera, alagado de luz húmida, enervante, da luz daquele

*. sol do Minho,
onde o viver se inflora e nasce o Sentimento . . .*

Predilectos eram, como dissemos, os seus passeios pelas margens do Cávado, raro «sombrio, profundo e cismador» e, quase sempre, líquida toalha verde-azul, ora ensombrada de amieiros contemplativos, curvados na ânsia voluptuosa de beijar a água que não pára, ora bordada com o oiro e a esmeralda de fartos campos de milho e vinha . . .

Cansado de tanto deambular pelas frescas ribeiras do Cávado, ele atravessava a ponte velha de muitos séculos, e, debruçando-se, os cotovelos fincados, ali se quedava esquecido, cismático, profundo, com a certeza de ter encontrado o ponto de maior poesia da sua terra: — o rio, reflectindo a casaria das margens, como se fora superfície brunida de espelho, e desaparecendo, ao fundo, numa curva graciosa e elegante para a esquerda, sinuoso e lento, com vontade de não ir mais longe, de evitar as grandes águas e as grandes cóleras do Oceano, de ficar ali, eternamente, a rimar os seus murmúrios com as endechas dos pássaros, em longos colóquios com as brisas e a amorosa terra; o barulho da água tombando do açude em cachão, espadanando espuma refervente, mas deixando chegar aos ouvidos as cantigas álares das lavadeiras, que, lá em baixo, batiam e ensaboavam a roupa ou a estendiam ao sol sobre a areia de prata, — quadro que ele, mais tarde, veria repetido nas margens do Mondego; as ruínas do Paço Ducal, à direita, sugerindo poeticamente o passado, a Idade-Média, com seus muros altos, enegrecidos pelas dedadas do Tempo, a essa hora envoltos na rósea luz do poente, o qual, tingindo tudo de vermelho, alastrara no rio um lago de sangue . . .

Preso do mágico encanto, ele recolhia na alma toda a poesia da paisagem e da hora religiosa. Bebia-a. De todas as coisas, — da água, das flores, das árvores, dos campos,

dos montes distantes, meio tintos de violeta, meio mergulhados na sombra —, evolava-se algo imaterial e indefinível como as almas . . . Insensivelmente, o Poeta deixava-se penetrar da luz sortilêga desse instante de Beleza até às mais íntimas raízes do seu ser. E certo que um raio dessa luz de sortilégio foi que lhe acendeu, a vez primeira, no espírito, a chama da Arte!

Vagueando, de noite, pela antiga vila, quando o luar a polvilhava de neve e traçava no chão a geometria irregular das suas ruas silenciosas, ou quando o nevoeiro as afogava na humidade intensa e as tornava ainda mais estreitas, ele desferia versos à guitarra debaixo dos balcões das pálidas Julietas ou das inocentes Margaridas, como ensaio da sua lira, que já achava inspirada e fácil:

*A minha vida é penosa,
Pois que são os meus desejos
Ser amado e, como amante,
Cercar-te o colo de beijos.*

Tais deambulações não raro terminavam, em saudosa conversa fraterna, com a evocação de três vultos, já então desaparecidos, que ficaram na tradição barcelense: os irmãos Malheiros, rapazes de talento e boémios, da geração român-

tica, poetas e músicos, dos quais um, o Alberto, (*) privara com Camilo no meio intelectual e estúrdio do Porto. Com aprazimento escutava o irmão, ele que seria também boémio e poeta, e agora entretinha os ócios da sua ardente mocidade a ler versos, a devorar livros de versos, numa febre de todos os sentidos, como se neles buscasse a decifração apaziguante dalgum problema absorvente. Com mais intuição do que instrução o faria, no remanso da vida do lar, cercado do amor de todos e ele mesmo a todos amando.

* * *

Cedo começou a poetar. Os primeiros versos escritos datam dos quinze anos. Dentro de pouco, tornam-se mais numerosos e acentua-se a vocação literária do seu espírito precoce. A Vida é então uma festa pagã. Tem um sabor único de novidade. Os sentidos, aos primeiros contactos conscientes com os seus mistérios, vibram-lhe numa exaltação febril. Como será a Vida por dentro? E vem uma ânsia louca de a abrir, como se abre um fruto raro que adivinharmos delicioso, um apetite insensato de aspirar, por uma só vez, todo o perfume, que existe numa flor que desabrocha. Como será a Vida por dentro? Melhor do que a pode conhe-

(*) Reuniu as suas poesias no livro *Sombras do Vale* (1873).

cer, pressente-a o moço poeta em toda a Natureza, exclamando, como depois, diante da magia da paisagem coimbrã:

*Eu amo as folhas singelas
Que, na roseira nascidas,
Andam na aragem perdidas,
A correr, par'cendo estrelas.*

*Eu amo a noite e o luar,
Eu adoro a madrugada,
Amo a Natura dourada
E as ondas do manso mar.*

*Eu gosto de ver o sol
Entrando nos arvoredos,
E são meus encantos ledos
Ver abrir o arrebol!*

*E gosto do azul do céu
Às horas do meio dia . . .
E amando, sinto alegria
Renascer no peito meu! (*)*

(*) Inédito.

A iniciação no principal dos mistérios, no mais embriagante e mais doce dos mistérios, foi uma iniciação vaga e imprecisa, primeiro, depois mundo maravilhoso de sensações, impressionante panorama interior, debruçado no qual ele visionava um «meigo olhar «que desperta o amor» de quem «nunca foi namorado» e um rosto que ele fita com «olhar de louco amor»...

Mais uma alma flamejava na torre azul da Ilusão. Era um inebriamento! E cantar, — cantar por todas as formas e em todos os versos, — era o que mais lhe aprazia nas horas livres que lhe deixava o trabalho.

Breve, porém, tudo mudou.

À grande quietação da vida familiar sucedeu a tempestade. Batem-lhe à porta a Dor e o Luto. Sucumbido, o Poeta chora o cadáver do Pai na elegia atrás mencionada e num soneto que presumimos inédito e data de 1883. É o seguinte:

*De noite — pelo escuro dos espaços,
quando nem luz a estrela — de repente,
como se fora um Sonho que não mente,
vejo uma Sombra que me estende os braços.*

*Chorai, meus olhos húmidos e baços!
Eu sei quem és, ó Sombra persistente!*

*porque nunca dum pai o filho ausente
pode esquecer os merencórios traços . . .*

*!asto e formoso Azul, já não me alegras,
só chove pranto dessas nuvens negras . . .
e nesta imensa dor tudo me vai . . .*

*Quando eu morrer desejo a mesma terra . . .
pois que bem deve a campa que o encerra
conter um filho junto de seu pai !*

Adivinha-se a dor e não se descreve. Estremeceram-lhe as fibras do seu coração generoso ante a dor própria e a dor dos irmãos e da mãe

que apenas só nasceu para sofrer também.

O embate deixou, seguramente, traços fundos na sensibilidade delicada do jovem Poeta, do simples amanuense da Conservatória de Barcelos, onde agora, curvado sobre os livros, pouco comunicativo, fazia registos, apresentações e buscas. Tornaram-se mais melancólicos os seus longos passeios pelas amenas ribas do Cávado. E, de noite, vagando a horas mortas pelas ruas adormecidas, onde apenas ouvia o eco dos próprios passos, sentia-se, de súbito, acompanhado

duma sombra, — a sombra dum morto querido. Falava-lhe, dialogava com ela, estendia-lhe os braços, e deambulava, e corria como um duende. Em meio do desalento, alguma coisa lhe servia de lenitivo e de repouso: — a Poesia. A partir de então, a sua musa não tem desfalecimentos: ganha força, graças, brilho e mocidade!

Um ano correu. Ao cabo, transportou-se com os seus para Coimbra, a acabar os preparatórios para se matricular na Universidade (5).



CASA ONDE NASCEU O POETA
(subúrbios de Barcelos)

II

Em 1885, António Fogaça, concluídos os preparatórios liceais com admirável força de vontade, tendo na sua frente o firme objectivo de vencer, entra na Universidade e cursa o 1.º ano de Direito. Na cidade do sonho e do saber, em Coimbra, essa

Ville savante et qu'un songe parfume,

como a definiu Philéas Lebesgue, Fogaça estuda e também ama, sonha, poeta e diverte-se.

Cinco anos decorreram desde que saíu de Barcelos, e, entretanto, os seus vinte anos, moços e inquietos, foram tristemente ensombrados com a perda do mais jovem dos irmãos. A Poesia, porém, nutre-se de Dor, e, amando ou sofrendo, no Penedo da Saudade ou junto da campa dos que estremeceu em vida, jamais Fogaça deixou de entrelaçar as

suas rimas, de pôr em verso os movimentos da sua rica sensibilidade.

Muitas vezes os amigos e condiscípulos o surpreendiam deitado a fumar, sonhando, através a janela gradeada do seu quarto na Couraça de Lisboa, onde ele, amando o raro, tinha um contador de D. João V e louçarias preciosas de António Augusto Gonçalves... «Então vinha cavaquear logo, a voz rouca e franca, aquela grande cabeleira encara-colada e negra, o seu grande nariz aquilino, o seu belo riso dos dias felizes...»

Cedo, o seu coração e talento poético provocaram amizades sinceras e admiradores na mocidade académica desse tempo ⁽⁶⁾, na qual primavam os espíritos de Trindade Coelho, Eugénio de Castro, Antero de Figueiredo, Alberto Osório de Castro, António Feijó, Luís de Magalhães, Cunha e Costa, Alfredo da Cunha, etc. E como as tendências de temperamento ou intelectuais dos rapazes não eram as mesmas, antes opostas ou diferentes, a Academia, sobretudo aquela parte que se afirmava literária, dividira-se, seccionara-se em duas facções distintas, que se guerreavam com ódio mais vivo que profundo. Dum lado, os janotas, os *polainudos*, os aristocratas, os ricos e pseudo-ricos, que embirravam com a Academia, que, no fim das aulas, se vestiam à futrica e caminhavam para a Baixa com luvas amarelas, monóculo e charuto; do outro, os boémios, a

plebe académica, os que vinham passear, à tarde, para a Baixa ou pela estrada da Beira ou, para o Cais, ver as tricanas. Os primeiros estacionavam geralmente à porta da Ourivesaria do Abílio, ou da Havaneza. Mas era quase de frente desta, no café Lusitano, dum tal José Lúcio, que eles faziam o seu quartel-general. Ali se reuniam, bebericando e conversando pela noite fora, entre outros literatos de somenos cotação, Luís de Magalhães, António Feijó, Rodrigues Braga, Carlos Lobo de Ávila, Queirós Ribeiro, Alfredo Paçô Vieira, Pedro Gaivão, Eduardo de Araújo e Manuel Gaio.

A facção literária da *plebs* académica juntava-se mais abaixo, perto de Santa Cruz, à porta ou no interior da mercearia do «Anda à roda». Conta Trindade Coelho: (*)

«Ao cair da tarde, eram rentes nessas duas salinhas interiores do «Anda à roda», a beber cerveja, a dizer versos e a comer bacalhau cru, além do Solano de Abreu, que presidia e era o primeiro que chegava porque tinha na vizinhança um dos seus numerosos namoros, António Fogaça, que ainda então era caloiro, Santos Melo, Francisco Bastos, Pinto da Rocha, Silvestre Falcão, Eduardo Vale, o Pontes, Costa Macedo, Silva Cordeiro, Costa Santos, Eugénio Sanches da Gama, Eugénio de Castro, Guedes de Amorim, Tito

(*) Em *In illo tempore*.

Vespasiano Castelo Branco, Lopo de Castro, António de Matos Magalhães, Antónic Horta, Bráulio Caldas, Bernardo Lucas, Carlos Braga, Forbes Costa, Armelim Júnior, Ângelo Ferreira, Eduardo Carvalho, Lemos Macedo, Vasques de Mesquita, Alberto Armada, José Ferrão, Bernardino Zagalo, Gusmão Júnior, Crispiniano da Costa, Pires de Lima, Abel Aníbal de Azevedo, João Baptista da Cunha d'Eça Costa e Almeida, Acácio Guimarães, Alfredo da Cunha, etc., etc. ».

Os casquilhos do « Lusitano », entre os quais havia sábios que se diziam positivistas, — o Positivismo era então grande moda —, como João Arroio, Pinto de Mesquita, Azevedo e Silva, Aristides da Mota, Manuel Ramos, que não era positivista porque já tinha ao tempo *filosofia própria*, — verteram o sumo das suas locubrações e a ansiedade dos seus devaneios em publicações de vida efémera, como era natural: a *Revista Científica e Literária*, que morreu ao terceiro número; a *Evolução*, e um «jornalão de 4 páginas de texto e outras tantas de capa amarela», que só se publicou duas vezes e parece tinha o nome de *Folha Académica*.

Os boémios do «Anda à roda», no número dos quais se contava, como vimos, o nosso Poeta, não tinham sábios. Mas deram existência a alguns jornais alegres, que pouco duraram: a *Porta-Férrea*, *Coimbra em Fralda*, o *Panorama Contemporâneo*, a *Imprensa*. Há colaboração literária de Fo-

gaça no último deles, e várias peças poéticas suas figuram também noutros jornais de Coimbra e do Porto.

A publicação dos versos, o convívio dos companheiros, o amor familiar, os sonhos que lhe povoavam a alma de ilusões, tudo era motivo de vida ardente e apaixonada. No horizonte da sua mocidade, divisara muita vez, brumosa e vaga, a figura gentil e austera da Fama, acenando-lhe com os louros da glória. O Destino, porém, não quis poupá-lo a mais uma crueldade. Num frio dia de Dezembro de 1886, a Morte arrebatou-lhe a irmã Maria dos Prazeres. E é com o coração sangrando de dor que o Poeta a evoca, ao pé do coval ainda recente, em soneto cheio de elevação e de beleza mística :

*No mundo dos espíritos eleitos
pelo Senhor, já livres de amargura,
junto ao trono da aérea formosura,
onde Alguém colhe os corações, desfeitos ;*

*— paraíso sem dor, nem preconceitos,
sem um traço sequer de névoa escura,
que ao enviar-nos sua luz de altura
nos enche de saudade nossos peitos ;*

*nesse Templo de amor e claridade,
de eterna glória e eterna liberdade,
— róseo mundo que a vida em nada iguala*

*e onde tudo ajoelha aos pés de Deus ;
lá, na esfera, a que, enfim, chamamos — Céus,
é que todos devemos procurá-la! . . . (*)*

Em 1887, António Fogaça publica os *Versos da Mocidade*, — fruto da sua actividade artística desde 1883 até à data da publicação do livro (⁷). Pode dizer-se que foi recebido com entusiasmo geral e viva simpatia, sendo o seu autor largamente saudado como lírico de muito merecimento. Depreende-se das referências da época que a obra causara surpresa e deixara no ânimo dos que a leram uma certeza e uma esperança: — certeza de que alguém nascera para as Letras Portuguesas; esperança de que o fino espírito que rezara as encantadoras «Orações do Amor» iria marcar, com novas contribuições possivelmente ainda mais belas, um lugar mais alto na escala dos valores literários.

O livro agitou sobretudo a alma dos rapazes de Coimbra. Viam nele originalidade, força espontânea, vibrante comoção interior, conceitos subtis, um sugestivo dom de realizar su-

(*) Inédito.

perior poesia. E tratando-se embora dum livro de apoteose feminina, dum livro da Mulher, sempre encontravam notas puras e harmoniosas onde ninguém julgaria que houvesse ainda alguma coisa a dizer. Achavam que as «Orações» eram altamente emotivas, com arroubamentos líricos notáveis, e que em todas as poesias se espelhava com nitidez um profundo sentir do Bem e do Amor. Fogaça foi, por isso, considerado logo um dos talentos mais vigorosos dos literatos de Coimbra e a sua estreia qualificada de brilhante e assaz prometedora.

Não eclodira ainda a Revolução Simbolista. Apesar de transcorridos mais de vinte anos desde que fora introduzido entre nós o Realismo, a «grande geração» ainda dominava os espíritos do tempo. O «Grupo dos Cinco» (Antero, Oliveira Martins, Eça, Ramalho e Junqueiro), o último governo da inteligência em Portugal», — como lhe chamou Alberto de Oliveira (*) —, continuava a impor-se e a ditar as leis da moda na Poesia, no Romance, na História e na Crítica. Os poetas, em particular os corifeus, desse movimento literário eram lidos com entusiástica avidez pela mocidade coimbrã. No entanto, Fogaça foi lido, e, ainda mais, decorado. Com íntimo prazer o recitavam:

(*) In *Eça de Queirós*.

*Eu perguntei à minha namorada
onde é que as minhas cartas escondia,
sendo ela tanto e tanto vigiada . . .*

*Deu-me o céu num sorriso de alegria,
e então, olhando a porta do vizinho,
e vendo que ninguém aparecia*

*que nos pudesse ver sobre o caminho,
fitando-me, corou, num vão receio,
mas, em seguida, disse-me baixinho :*

*« Eu não sei o que sinto quando as leio,
e para que ninguém mais as possua,
escondo-as aqui dentro. . . » E abriu-me o seio. . .*

Não é mais doce a palidez da lua !

À roda do seu nome e da sua obra formou-se um halo de admiração. Parece, porém, segundo notícia de contemporâneos, que ao coro geral de aplausos se misturavam algumas vozes dissonantes de maldizentes. Não deviam ser muitas, se as houve. Os inimigos e os invejosos, que sublinham sempre o valor duma personalidade, achar-se-iam confundidos com a mocidade do Poeta, irradiante de simpa-

tia afectiva e espiritual. E seguramente que à malevolência dos zoilos respondia a legião dos admiradores, encantados com o seu talento e a sua alma ingénua, bondosa e simples (*).

Há uma nota interessante de ternura, — misto de simpatia e de consagração —, na maneira como os amigos falam do vate: «o nosso António», «o nosso querido António». Viam-no também como «um sonhador, desses que passam em frente da multidão anónima das ruas e das praças, serenos, desaperecebidos, de olhar vago fitando inconsciente tudo, e onde, apesar da sua indiferença, observando-se bem, deixavam transparecer uma bondade extrema, e uma ideia firme que nunca se despegava do seu pensamento. Era um vidente e um apaixonado» (**).

* * *

Poeta, sonhador e boémio, António Fogaça realizava, para todos, o tipo superior do estudante de Coimbra. Alberto

(*) António Nobre, contemporâneo de Fogaça, foi um desses admiradores e consagrou-lhe, bem como a Eduardo Coimbra e a Oliveira Macedo, uma poesia que vem publicada no *Só*: são os tercetos que têm o título de *Ca (ro) Da (ta) Ver (mibus)*. E consta que Guerra Junqueiro apreciava também em alto grau o estro do autor dos «*Versos da Mocidade*», a ponto de fazer ele próprio aos amigos leituras entusiásticas das páginas desse livro, do qual estimava especialmente as *Orações do Amor*.

(**) In *Aurora do Minho*, n.º 80-a. 11.

Osório de Castro, seu condiscípulo e amigo íntimo, recorda-o, a quando do primeiro aniversário da sua morte, numa crónica de prosa nervosa e concisa, que foi, mais tarde, transcrita em jornal do Porto: (*)

« O Fogaça, o Toy e eu, inseparáveis, eis-nos a caminho da estação do caminho de ferro, capas ao ombro, gorro às três pancadas. Os primeiros passos na aventura são penosos. Toy, a quem às vezes se mete em cabeça assinar Fernando da Silva Escura os seus contos românticos, meteu-se-lhe em cabeça, ao chegarmos à estação, fazer uma razia no jardim da *gare*. Iam-no matando dois latagões fardados. Mas triunfante e audaz contra o Burguês, ele traz-nos orgulhoso dois pálidos e lindos botões do Van Houtte a cada um Mas eis que chega tocando a nossa tuna, enche-se a *gare* dos que se vão, felizes! e dos que se despedem. Abraços e palmas entusiastas de toda aquela multidão de capas pretas, uma grazinada doida; apita desesperadamente a locomotiva, chocam-se os vagões, e em breve esta Coimbra que odiamos e que nos encanta, imobiliza-se teatralmente, em relevo, num admirável pano de fundo, torna-se de mármore, toda branca e toda radiosa, sobre um azul esvaído e doce, adoravelmente falso, de pastel.

(*) In «Jornal de Noticias», de 7-4-1890.

A viagem foi encantadora e cheia de alegria. Fogaça e eu recitávamos, Toy fazia-nos troça; guitarras gemiam em todo o trem; Cunha e Costa tocava clarinete magistralmente, Cortês inventava partidas. Pampilhosa: — meia hora de espera! Mealhada! Mogofores! Oliveira do Bairro! Aveiro!

.....

O hino da Carta houve por bem descansar ao chegarmos às primeiras ruas da cidade, e foi ao som do da tuna, letra do nosso Fogaça e música do ilustre regente Simões Barbas, que saudamos com as nossas capas e com as nossas vozes as formosíssimas damas de Aveiro, que, envoltas já nas suas nevadas e deliciosas *sorties de bal*, nos viam passar das varandas.

Daí a pouco, inundávamos os bastidores do elegante teatrinho de Aveiro.

.....

Fogaça conduz-nos, ao Toy e a mim, para uma frisa. O meu binóculo não descansa. O teatrinho enche-se rapidamente. Na plateia vemos também lindas raparigas do povo, de olhar claro e luminoso, o olhar esquisito e singular das mulheres de Aveiro. Senhoras formosíssimas!... Fogaça, obrigado. Que sensaborona deve estar Coimbra, Senhor Jeová de barbas brancas e infinitas, meu Deus!

Uma noite magnífica. A tuna tocou esplêndidamente,

houve uma comédia engraçadlssimamente representada por Álvaro de Vasconcelos, Magalhães Bastos, Sousa Martins e Ernesto de Vasconcelos, cenas cómicas ditas por Sousa Martins e por Luís Gama, versos de Fogaça, Alberto Silveira, etc.

Sáímos às duas e meia da manhã. Nós três partimos a arranjar uma ceia milagrosa, quase impossível, e a alugar um trem, para um passeio até à barra, a ver o mar, o meu querido gigante triste, e o sol nascendo por sobre as ondas glaucas, espúmeas e infinitas.

A respeito de ceia, temos conversado. Apenas atirámos para a carruagem algum *Porto*.

Alguns tunos que passavam cantando por ao pé de nós, tentam dissuadir-nos do passeio. Que era melhor passar o tempo até à *matinée*, em honra dos tunos, pelo meio da rua. Nada, ao mar, ao mar! Fogaça explicava, pausadamente, que comigo ia arranjar a invocação da epopeia das Sardinhas. Necessidade de ver o mar, portanto,

*O mar imenso e profundo,
O irmão gémeo do Hugo.*

E partimos. O Toy animou-se então. Cantámos todos, de pé na carruagem descoberta. Uma maravilha a paisagem, não imaginam. Não tínhamos exclamações bastantes. Uma estrada entre lagunas, barcos e velas brancas de um

lado, *polders* do outro, a perder de vista montes e montes de sal, pálidos naquela meia luz aquática e opática da alva!..... Quando chegámos ao mar, íamos comovidos, ditirâmbicos, infantis. Beijámos as ondas, demos-lhe o último cálice do *Porto*, fizemos versos que deitámos dentro duma garrafa. O nevoeiro ocultou-nos o sol nascente. A nossa heliolatria protestou.

Quando voltámos, a estrada ia já animada pelas cachopas do mercado, caminhando ligeiras com seus cestos no braço, lindas quase todas. Maravilhosa raça!

.....

No mercado da cidade, concorrência de tunos. Fogaça e Toy diziam galanteios às raparigas. As mães desculpavam, sorriam. Toda a gente nos tratava admiravelmente. Às nove da manhã, depois de abraçarmos o Toy, que ficava para a *matinée*, pouco animada, segundo depois nos disse, Fogaça e eu voltámos para Coimbra, eu para me deitar, Fogaça para não perder as corridas da Cidreira... »

* * *

Fora a última «rapaziada» do Poeta. Dentro em pouco, caía doente com um tifo. Tinha vinte e cinco anos. O mal, contudo, venceu a sua robustez física. Trinta e três dias após ter adoecido, António Fogaça sucumbia. Realizou-se o

que ele previra, proféticamente, um ano antes de morrer :

« A morte é a paz.

Ora eu preciso da paz ; logo preciso da morte. »

E acrescentara : « Assim há-de ser ».

Cumpriu-se, com o rigor da lógica, o silogismo que o seu espírito, debatendo-se na angústia, encontrara como síntese definidora do seu sofrimento.

Fogaça foi um triste, — dizem-no os coevos. De facto, a ideia da Morte não se lhe despegava do pensamento, dos versos, da vida. Muitas vezes a evoca :

Deparei com a Morte e interroguei-a :

« Quando é que ao certo devo acompanhar-te ? »

Diz-me ela, sempre a caminhar na estrada :

« Vai perguntar à tua namorada

quando faz conta de deixar de amar-te. »

« Alma terníssima, não amara uma determinada Natércia, uma Beatriz especial, ⁽⁸⁾ amara nem ele sabia a quem, amara a morte, com quem hoje vive ». (*) Ela, a Morte, aparecia-lhe sempre como resgate supremo duma vida talhada em Dor. Trabalhou e lutou. Não tardaria a concluir o curso jurídico. Sofreu e amou. A mágoa e o prazer alternaram

(*) In *Lágrima*-ano V, n.º 18 (Barcelos).

em seu coração. Se a sua alma pôde dobrar-se, como a haste duma rosa, ante a rudeza e a violência de ventos contrários, também aspirou, com volúpia e desesperado anseio, o perfume inigualável de muitas ilusões. E agora que o futuro se lhe entremostrava claro e sem nuvens, que a Glória lhe acenava, prostrava-o, implacavelmente, a Morte.

Antônio Fogaça, moribundo, assistido de família e amigos, despediu-se do mundo improvisando versos. Com o último suspiro saiu-lhe a última rima. Era uma tarde de outono, uma triste e fria tarde de Novembro de 1888. ⁽⁹⁾

III

A notícia da morte de António Fogaça, nesse começo de tarde do dia 27 de Novembro de 1888, causou em toda a cidade, e especialmente na alma impressionável dos rapazes, uma agitação dolorosa. Morrera o último poeta coimbrão.

Foram, por isso, concorridíssimos os seus funerais. Em demonstração de pesar e de simpatia, a Academia compareceu toda no cortejo fúnebre que, cerca das duas horas da tarde do dia seguinte, saíra da casa de Fogaça, na Couraça de Lisboa, em direcção à Sé Velha, onde se celebraram os responsos. Compareceram também o Reitor da Universidade, Conselheiro Adriano Machado, os lentes de Direito Drs. Assis Teixeira, Dias da Silva, Lopes Praça, Frederico Laranjo e o lente de Teologia Dr. Porfírio da Silva.

Antes da entrada no velho templo, o cortejo deteve-se

e falaram alguns oradores: Francisco Bastos, Ernesto de Vasconcelos, que, dominados por funda emoção, exaltaram as peregrinas qualidades do delicadíssimo vate, e Pinto da Rocha, que recitou uma sentida poesia.

Dentro da vetusta igreja românica, adornada com grave simplicidade, viam-se duas eças, sobre as quais pousaram dois caixões: um, com o cadáver de António Fogaça; outro, com o de sua irmã Maria dos Prazeres, morta, há cerca de dois anos, de um tifo, e que com ele seguiria para Barcelos, nessa mesma tarde, por caminho de ferro, em carruagem armada em câmara ardente.

Grande foi a profusão de flores com que encheram o caixão do Poeta, em pungente homenagem à sua alma e ao seu carácter, distinguindo-se, entre as coroas oferecidas, pela sua modéstia e expressiva significação, um ramo «de alguém» que, numa fita, fizera escrever a palavra «Amizade». Não faltou quem afirmasse que o ramo ocultava a «saudade vivíssima de um coração apaixonado»...

A 29 de Novembro, chegavam a Barcelos os dois cadáveres. No mesmo comboio, veio um grupo de discípulos e amigos, que quiseram prestar a sua derradeira homenagem ao companheiro amado ⁽¹⁰⁾.

Da estação para a igreja da Ordem Terceira seguiram os caixões em procissão fúnebre, ladeados pelos estudantes. Na tarde do mesmo dia, apinhada a igreja de povo e amigos

do Poeta, rezaram-se os responsos fúnebres. Fez-se o enterro. Chovia. Junto da campa, falaram os académicos Francisco Bastos, José Júlio Vieira Ramos, Huet Bacelar, Pires de Vasconcelos, Eduardo de Almeida, João Novais, Joaquim Álvares da Silva e o Dr. José Novais (11).

A comoção era violenta. Havia lágrimas em todos os olhos. O céu não descobria. Forrava-o uma espessa massa de chumbo, que se derretia, monòtonamente, em chuva... No ar e nas almas errava tal melancolia que parecia que todas as coisas eram feitas de farrapos de Dor. Tudo era baço e sofria. Declinava, lentamente, a luz, — uma luz fria e mortíça de outono pálido. Um vago estremecimento, outro mais breve... e morreu. Noite.

Sob o chão da sua terra, que tanto amou em suas graças naturais, ficou sepultado para sempre o Poeta e, com ele, o seu Sonho. Cumpriu-se a sua vontade:

*Quando eu morrer desejo a mesma terra...
pois que bem deve a campa que o encerra
conter um filho junto de seu pai!*

* * *

A emoção produzida pela morte de António Fogaça

não se circunscreveu a amigos e conhecidos. Alastrou por toda a parte.

O triste acontecimento provocou a Bulhão Pato estas palavras: « Brioso e gentil, a mãe adorava-o; os condiscipulos aplaudiam-no; tinha pouco mais de 20 anos; era um poeta. Morreu ontem! Não conheci dele senão algumas notas fugitivas; mas dessas notas faíscava o talento. Fantasia, colorido, graça, naturalidade e simpleza no dizer... » (*).

E a revista humorística de Rafael Bordalo Pinheiro, intitulada *Pontos nos ii*, publicava, dias depois do passamento do Poeta, em 6 de Dezembro de 1888, em sentida homenagem, grande retrato de Fogaça, acompanhado das frases seguintes: « O retrato que publicamos é o de António Fogaça, moço poeta recentemente falecido em Coimbra. Autor dos *Versos da Mocidade*, um primoroso livro, o seu nome granjeara justa fama, impondo-se como um dos mais dilectos entre os moços poetas da Academia. Morto aos vinte e dois anos (*aliás* 25), quando o seu belo talento ia a robustecer fecundo, a sua morte enche de profunda tristeza não só quantos o conheciam como ainda os que lhe apreciavam já os seus gentilíssimos ensaios literários ».

A *Aurora do Minho*, (**) jornal que por esse tempo se pu-

(*) Henrique Perdigão — *Dicionário Universal de Literatura*, pág. 661.

(**) N.º cit.

blicava em Braga, consagrou um número especial à memória do autor dos *Versos da Mocidade*. Nele colaboraram, entre muitos outros, Trindade Coelho, João Penha, Antero de Figueiredo, Jaime de Magalhães Lima e Rodrigo Veloso. João Penha escreveu estes versos sob o título de «Cosmogonia» :

*Mal um vate se extingue, eis voa ao céu profundo,
E logo resplandece em páramos distantes;
Dum poeta que expirou, renasce um novo mundo;
Os poetas são os gérmens dos astros radiantes!*

Trindade Coelho, por gentil concessão do seu espírito, colaborou com uma «oração do amor», desejando talvez imitar, em prosa, o recorte literário das «Orações do Amor» de Fogaça :

*« António, ó meu amigo! ... De joelhos, sobre a tua
sepultura, na mudez eloquentíssima da Mágoa, eu
beijo com infinito amor a terra que te envolve! ...*

*Possam as minhas lágrimas tornar mais suave o teu
sono, lágrimas que eu choro ... — de joelhos sobre a
tua sepultura ...*

Vivam sobre ela, eternamente, as rosas do meu amor,

sempre vivas, fragrantés sempre... — na mudez eloquentíssima da Mágoa...

Que eu, de joelhos sobre a tua sepultura, na mudez eloquentíssima da Mágoa... — beijo com infinito amor a terra que te envolve...

« Ninguém sabe o que perdeu », — afirmou Jaime de Magalhães Lima no mesmo periódico. De feito, que teria sido António Fogaça se vivesse mais longa existência? Que obras de arte produziria o seu estro, que todos reconheciam de valor? Que novos caminhos abriria à Poesia ou por que desconhecidos rumos seguiria o seu espírito de artista? — Perguntas que muitos acharão ociosas, mas que deixam, em quem as fizer com sinceridade, uma dúvida cruciante.

« Ninguém sabe o que perdeu »... Nós preferiríamos dizer doutra maneira: Muito se perdeu em António Fogaça. Nesse rapaz de talento, caído no outono do tempo quando estava na primavera da vida; nesse moço de 25 anos, em quem brilhava para todos uma bela esperança; nesse pobre estudante de Coimbra, que soube fazer, como poucos, um poema da sua dor — como queria Goethe — perdeu-se, seguramente, um grande poeta ⁽¹²⁾.



Um trecho da paisagem barcelense, inspirador de versos de Fogaça...

PRINCIPAIS EFEMÉRIDES

RELATIVAS À VIDA DE ANTÓNIO FOGAÇA

- 1863 — (11 de Maio) — Nascimento do Poeta em Barcelos (freguesia de S. Martinho de Vila Frescaínha).
- 1878 — Cursa preparatórios em Braga.
- 1879 — (11 de Dezembro) — Falecimento do Pai.
- 1880 — Partida para Coimbra.
- 1882 — (5 de Janeiro) — Falecimento do irmão João Carlos, em Coimbra.
- 1885 — Matricula-se o Poeta na Faculdade de Direito.
- 1886 — (19 de Dezembro) — Falece, em Coimbra, a irmã Maria dos Prazeres.
- 1887 — Publicação dos *Versos da Mocidade*.
- 1888 — (27 de Novembro) — Falecimento de António Fogaça, em Coimbra.
- 1888 — (28 de Novembro) — Trasladação do cadáver do Poeta para Barcelos, em cujo cemitério ficou sepultado (jazigo dos Mendanhas).

O Espírito do Poeta

ATRAVÉS DOS «VERSOS DA MOCIDADE»

I



s «*Versos da Mocidade*» compreendem dois livros: O primeiro é constituído por quarenta *Orações do Amor*; o segundo, a que o autor deu o nome de *Mágoa e Risos*, está dividido em duas par-

tes, na primeira das quais há composições de vários géneros, e na outra exclusivamente sonetos. Adoptaremos tal divisão, por cómoda, e por nos parecer filiada numa conveniente arrumação de matérias.

As *Orações do Amor*, que formam o primeiro livro, consagradas à mulher amada, pertencem, pela forma e pela ideia, se bem que não cronologicamente, ao género romântico. São quarenta pequenas composições, impressionantes pelo

carácter vago, tão vago que dá a impressão de vazio, mas que se adivinha conterem verdadeira poesia. Consegue-o o Poeta com o uso de imagens indefinidas, leves, aéreas, abstractas, — imagens que recordam véus, névoas, consistências de sonho, esgarçamentos de nuvens, transparências finas de azul, *trémolos* de orquestra, timbres suavíssimos de cristal... Para isso, preciso é que um autor esteja possuído ou dotado de peculiar vocabulário, dum especial grupo de palavras que nos dêem aquela especial sugestão estética. Aqui, porém, há a verificar antes uma predisposta organização poética e não preparação preconcebida. Uma tal poesia, vaga e subjectiva ao máximo, caracteriza-se pela ausência do maior número de dados concretos, por forma que, duma primeira leitura, resulta quase não apreendermos o contorno interior, a íntima substância do objecto. Afinado sentido ela requer, e bem podemos dizer que se trata duma poesia não para os olhos do corpo, mas para os olhos da alma...

*Lírio de Graça,
misto de sonho e desejos,
dá-me os teus beijos.*

*A vida passa...
mas bem precisa o calor
desse amor!*

*Rosa dos céus,
bendita inocência calma,
dá-me a tua alma.*

*O próprio Deus
não existiria, flor,
sem o amor.*

(XXIX)

*Ó rainha, ao falares,
se o teu lábio sorri,
da multidão os tímidos olhares
convergem para ti.*

*E assim mesmo o sorriso que, ao passar,
nos bate em cheio em nossos corações,
dá-nos tristeza, assim como o luar
que ilumina às prisões.*

(X)

*Penso às vezes que escuto uma harmonia
tão formosa, tão doce, tão suave,
como um cântico de ave,
longe, nas selvas, ao romper do dia.*

*E fico-me a cismar :
donde virão à minha soledade,
com tanto amor, com tanta suavidade,
essas notas sem par ? !*

*Ó graciosa ilusão dos meus desejos,
cofre da minha esp'rança,
essa harmonia é apenas a lembrança
da música bendita dos teus beijos.*

(XXXVI)

Estas e muitas outras *Orações* revestem-se, como se vê, de tão grande simplicidade de conteúdo e de forma que pouco apreendemos do seu sentido e limitamo-nos a gozar o encanto de tanta simplicidade e do ritmo da estrofe. Dão-nos a sensação do impalpável, do vago, do irreal, do etéreo, do que não tem corpo nem forma, do que não tem cheiro nem cor, mas de que pressentimos a existência... para lá dos sentidos.

Mesmo naquelas *Orações* em que mais natural seria o aparecimento do traço preciso, do elemento concreto, da realidade sensível, se verifica a mesma impressão. Citemos, por exemplo, a IV:

*Eu desgraçado, eu triste, eu sonhador,
vi-te assim como a noiva estremecida,
longe, no Azul, numa poeira de oiro ...*

*E avaro desse amor,
de desejo, de bálsamos, de vida,
eu te abri o meu seio — o meu tesoiro.*

*Quis viver para ti. Lutei. Meu pranto
rolou junto a teus pés, noiva cruel;
porém, tu, desprezando o meu tesoiro,
em vez de enchê-lo de perfume e encanto,
longe, no Azul, numa poeira de oiro ...
tu o encheste de fel! ...*

À leveza alia-se aqui a concisão, pois estes doze versos encerram uma biografia moral, toda a vida íntima do Poeta: a descrição dum estado anterior, da visão e localização da amada, a pressurosa oferta do seu amor, a luta por o conseguir, e, em seguida, a decepção — o choro dele e o desprezo da mulher que lhe enche de amargura o coração. Apesar de breve, contém todo um drama e não deixa de possuir recorte estético.

Como João de Deus, como Camões, como todos os líricos contemplativos, Antônio Fogaça não nos dá retratos

reais de beleza feminina. O seu ideal de beleza é descrito em termos vagos, com qualificativos, epítetos e imagens que procuram causar-nos o efeito da delicadeza, da elevação, da serenidade, da graça e da pureza. E fá-lo por coerência com a maneira como concebe esse ideal. O ser amado possui atributos celestes, astral serenidade, perfeições inexprimíveis; veio dum mundo superior, pois é da essência de que são feitas as náiades, o luar, as rosas e as estrelas; é rainha ou irmã das rosas, cujas formas tem, e, por vezes, é mesmo só uma branca visão, uma visão querida e resplandecente.

*A ti, mulher suave,
alma ingénua de lírio,
seio alvíssimo de ave;
amor santo, benéfico, insuspeito,
.....
a ti, branca Visão, com quem me deito
e com quem me alevanto,
a ti, que em riso converteste o pranto,
eu consagro estas simples orações.*

(XL)

E, sendo de estirpe divina, só se lhe pode dirigir em tom oracional, impregnando a palavra, o verso, de pura unção religiosa :

*Ó puríssima e bela, — alva cecém,
minha vida e meu bem ;*

.....
*ó puríssima e santa, — alma num beijo,
meu ar e meu desejo ;*

*ó puríssima deusa, forma o céu
do meu desejo e o teu ! . . .*

(I)

A par da imponderabilidade, da imaterialidade da forma, note-se o vitorioso desprendimento da realidade terrena, a espiritual fluidez da composição. A esta, juntemos outra, cheia de beleza, de original recorte, que nos recorda certos trechos mais tarde escritos pelo simbolista Eugénio de Castro e em que o decassílabo se alia admiravelmente à redondilha simples para produzir, esteticamente, efeitos muito belos. É a verdadeira oração do amor, — do amor humilde que ajoelha na esperança de obter a esmola consoladora e grata :

*Ó Serena e Bendita, ó Sonhadora !
teu coração é um delicioso cofre,
onde o meu ser em febre se insinua . . .
minh'alma chora,*

*minh'alma sofre,
minh'alma é tua!*

*Ó Santíssima e Doce, Astro dos astros!
as minhas ilusões cantam em bando,
sobre a nuvem da esp'rança, a suplicar,
sempre de rastros,
sempre sonhando,
sempre a ajoelhar!*

*Ó Sublime e Formosa e Estremecida!
quer seja o teu amor vida illusória,
quer seja enfim o meu tormento eterno,
dá-me essa vida,
dá-me essa glória,
dá-me esse inferno!...*

(XVI)

* * *

O misticismo medieval e a ideologia platónica, que começou a reviver no século XIV, fecundaram o Subjectivismo italiano e criaram uma nova Poética, — a poética de Dante e de Petrarca. O amor era o único tema das suas composições líricas. Cantavam a Mulher como tipo da be-

leza ideal. Era venerada, apoteosada, como um ser onde se contêm todas as perfeições possíveis. Reflexo da Divindade, pelo amor que inspira, podia conduzir o amante à contemplação do soberano bem — Deus. Laura e Beatriz eram os símbolos das novas formas de arte, que marcaram um ponto culminante na evolução lírica de todos os povos, não só porque a mulher atingiu com elas o máximo de idealização, como pela influência que vieram a exercer na marcha do lirismo futuro.

Na verdade, jamais a acção do *petrarquismo* deixou de se fazer sentir durante séculos. E mesmo quando o Romanismo, fundamentalmente anti-clássico, apeia do pedestal, com fúria iconoclasta, a estátua de Boileau, nunca a mulher deixa de ser incensada com aquela ternura ideal e angélica doçura que Petrarca pôs tão divinamente em seus versos... O seu *filosofar d'amore*, talvez por responder a sentimentos universalmente admitidos e experimentados, insinuou-se sempre em todas as poéticas, nas doutrinas de todas as escolas, e impôs-se a todos os códigos literários do Amor.

Compreende-se, portanto, que o lirismo de muitos poetas seja penetrado de conceitos introduzidos na poesia por Petrarca, cujo ideal de beleza era a mulher formosa, amada com paixão, dotada dos mais belos adornos da natureza, irradiando beleza que a tudo se comunica e ser tão perfeito que por si se revela de origem divina. É também o ideal de

Fogaça, como o provaremos com a transcrição dos seguintes versos:

*Deus mandou-te dos céus, Visão querida,
como um raio de esperança
que me viesse suavizar a vida.*

.....
*Já que tu vens de Deus,
essas belezas quero conhecê-las,
como se eu próprio andasse pelos céus
entre o Azul, as Nuvens e as Estrelas.*

(XXIV)

*Rosas, Estrelas, Náíades, Luar,
dizei-me vós o encanto que resume
este santo lugar
onde sofro uma íntima saudade
e sinto esta harmonia, este perfume
e este clarão de tanta suavidade!*

*Respondem-me, a cantar,
as Náíades, Luar, Rosas e Estrelas:
«É que há pouco passou neste lugar
essa que é bela e amas entre as belas.»*

(VI)

A mulher é, portanto, um produto directamente emanado de Deus e o Poeta vê-a como dádiva divina para melhorar a sua vida terrena; por outro lado, não só a presença do ser amado espiritualiza e eleva: — os lugares, por onde passa, ficam impregnados do seu perfume, da sua graça, da sua luz, da sua alma.

Como Camões, como Petrarca e muitos outros líricos, também Fogaça traduz a ideia platónica da fusão das almas ou dos seres por virtude da força do amor. Essa identificação, tão íntima que «o amador se transforma na coisa amada», verifica-se nos seguintes passos:

.
*Vê como o teu amor se me insinua
e vives no meu ser. Não era a minha
sombra, era a tua.*

(XIV)

.
*. . . ao doce expandir desta paixão
não pulsa em mim o próprio coração,
pulsa o teu!*

(XXXIII)

Esta parte da obra de António Fogaça oferece-nos,

porém, elementos para uma apreciação das ideias que formavam a especial casuística amorosa do Poeta. Em primeiro lugar, esta ideia interessante: Deus não se vê, sente-se; tal como Deus, não precisa de ver a sua amada, porque a sente dentro de si mesmo.

*Deus não se vê, mas sente-se . . . E então,
como é Deus para mim essa mulher,
não preciso de a ver,
sinto-a no coração.*

(XXXVIII)

A oração XXXI, manifestação, toda ela, de crença ardente no poder benéfico do Amor, termina com este belo conceito:

*Creio em teu coração;
que, enfim, é como um templo majestoso,
onde eu adoro a própria Adoração.*

Notável também a ideia final da oração XXIX. Solicitando os sentimentos da mulher amada, o Poeta, a fim de a convencer, argumenta com esta razão, que contém uma filosofia inteira e desperta um mundo de ideias:

*O próprio Deus
não existiria, flor,
sem o amor.*

A sonhada beleza da mulher, um simples pormenor das suas feições, um sorriso, um olhar, o cabelo, a voz, são frequente motivo de arte nesta obra, talhada com a leveza e a delicadeza do artista que tivesse em suas mãos o condão precioso de produzir espumas de renda ou detalhes de filigrana em jóias de valia... A finura do traço, o vago do desenho, a imprecisão de contornos sugerem, mais do que representam, a espécie angélica da «branca visão» do Poeta, — o que nos leva a aproximá-lo de João de Deus.

De facto, se há alguém, dentro da Lírica nacional, cuja personalidade literária evoque a do autor das *Orações do Amor*, ninguém melhor do que o cantor do *Campo de Flores*, o raro artista de «A Vida» e de «Raquel». Influência deste ou identidade de temperamento poético? Difícil de responder, se bem que em Fogaça talvez haja maior leveza no conceito e superior imponderabilidade de estilo. Mas a semelhança é flagrante: idênticos temas e, por vezes, o mesmo recorte estrófico:

*Eu não te posso a ti dizer mais nada,
Senão essa palavra já sem força*

*À força de empregada...
Mas eu, tímida corça
E minha amada!
Pomba inocente,
Tão longe e tão presente!
Digo-a a ti... com quanta força mais,
Mais puro intuito
E mais razão!
Essa palavra... as sílabas são ais
Que me saem a mim do coração...
Amo-te muito! muito!*

(J. DE DEUS — Folhas Soltas, *pág.* 24)

Um idealismo que abrasa a mente e exalta o sentimento; uma melancolia sucedendo, como reacção, à febre do intenso idealizar; uma espontaneidade como se a produção artística brotasse dum jacto e logo perfeita; facilidade verbal, correnteza de águas serenas e cristalinas, doçura de expressões, elevação de imagens, rima suave, cadência admirável do verso, — de tudo isso há na obra dos dois Poetas.

A representação do ente amado faz-se com os mesmos elementos estéticos, raro transparecendo o desejo carnal, como também se poderá exemplificar com o seguinte trecho lírico de João de Deus:

.....
*Quanto parece
A voz da ave
Menos suave
Que a sua fala!*

*A flor exala
Menos perfume
Do que é costume
O seu cabelo!
Que basta vê-lo,
Prende-se a gente!
Prende-se e sente
Gosto inefável!*

*Que riso afável
Aquele riso!
Que paraíso
Aquele boca!
Penetra, toca,
Enche de inveja
Um ar que seja
Da sua graça!*

.
*Oh! que inocência
Que ela respira!
A alma aspira
Não sei que aroma,
Mal nos assoma
Ao longe aquela
Pálida estrela,
Que rege o mundo!...*

*Nunca, do fundo
Do oceano,
Foi braço humano
Colher tão linda
Pérola ainda,
Como a formosa,
Cândida rosa
Que eu amo tanto!*

(Enlevo)

As *Orações do Amor*, obra de sensibilidade e imaginação, são caracteristicamente românticas, como romântica, afinal, é a obra de João de Deus. Atingiu, é certo, a poesia deste formas mais altas e, a bem dizer, inéditas adentro da poética

portuguesa. Mas temas, sentimentos, ideias, que o inspiraram, tudo gira ao redor dos que caracterizaram a arte romântica. Em João de Deus, porém, superiorizaram-se e tiveram acentos pessoais de beleza única.

A voga, a admiração, o encanto da obra joanina foram grandes; é natural que deixasse vestígios no espírito de Fogaça, cujas *Orações* foram escritas numa idade em que mais fácil e gostoso devia ser qualquer influxo. Não deixa, no entanto, de ser bem pessoal o nosso Poeta. Tem conceitos originais, paixão verdadeira, calor, simplicidade, naturalidade, sentido da Beleza; por outro lado, a forma é correcta, o verso musical, de suave ritmo. Sente-se a inspiração latejar de espontaneidade, acusando uma sensibilidade rica, uma emoção profunda e sincera, mas emoção comedida. Não há gritos arrepiadores, não há apóstrofes violentas nessa série de quadrinhos. Com a delicadeza da sua alma, o Poeta traçou o retrato da sua paixão, do seu amor; fê-lo, porém, com uma quase serenidade, cortada apenas aqui e além por um ou outro relâmpago do incêndio, por uma ou outra chama da fogueira que lhe abrasava o coração. Antônio Fogaça é bem o poeta do *Amor suave*.

II

Trinta são as peças poéticas que constituem a primeira parte do segundo livro dos *Versos da Mocidade*, intitulado, como dissemos, «Mágoa e Risos». Na maioria, elas denunciam ainda, com a sua alada fantasia, com o seu sentimento, com os seus motivos semelhantes, o autor inspirado das *Orações do Amor*. Destilam certo pessoalismo do Poeta, que não pôde libertar-se por completo do influxo romântico, ainda então tentando viver, — posto que uma vintena de anos tivesse decorrido após a «Questão de Coimbra» que iniciou a nova escola realista —, com o sopro arquejante dalguns escritores do ultra-romantismo, como Tomás Ribeiro, Mendes Leal e Bulhão Pato.

Mas se algumas poesias, como *Seis Anos*, *Madrigal Profano*, *Cofre Natural*, *Contraste Amoroso* e *Morte de Volúpia*, pelo seu muito próximo parentesco, ficariam bem ao lado das *Orações do Amor*, outras há cuja distância se acen-

tua por possuírem amplitude diversa, outra extensão, atitudes diferentes; tal em *Nova Pandora*, *Fantasia Nostálgica*, *Ária do Luto*, *Eterno Amor*, etc. Se bem que nas *Orações* haja, inquestionavelmente, muita beleza, muita delicadeza, muita arte, ali há mais fôlego, revelação de maior capacidade sensível e mais largo poder de realização artística, embora limitados pelo individualismo do Poeta.

Esse individualismo, levando-o a dobrar-se sobre si mesmo, a estudar-se, a analisar-se, produz *Em defesa e Igualdades*. Na primeira, Fogaça, repelindo a atitude constante de tristeza, faz uma calorosa e eloquente apologia da alegria e da mocidade:

. *Eu sinto a pérola brilhante*
da Alegria a rolar dentro do coração.

.
para antever, sem luta, a própria sepultura,
o tenebroso, o abismo, o vago, os desenganos,
basta encarar o Sol e ter feitos vinte anos.
.

Compreende, porém, que toda a ventura não é perfeita, pois na alma humana existe sempre a nuvem dum pesar ensombrando o clarão duma alegria. O verso final,

Pode um verso ser triste e hilariante a Canção!...

concentra o pensamento de toda a poesia e é uma feliz síntese psicológica, traduzindo a paradoxal coexistência, na nossa *psique*, de sentimentos contrários.

Ao exame introspectivo sucede, por vezes, a extrospecção. O Poeta sai fora de si, observa e dá-nos impressões do mundo exterior. E' o que se pode verificar principalmente em *O Frade* e *O Novo Visconde*, — dois temas que tão predilectos foram dos homens do Realismo. Nessas duas peças líricas a musa fogaciana vibra com acentos totalmente diferentes dos da restante obra. O Poeta concretiza a sua atitude em face de certos problemas ou questões de objectivo moral e social, que preocuparam e apaixonaram os espíritos dos fins do passado século.

Assim, na primeira composição, verbera o sadismo, a hipocrisia e a torpeza de um frade, de par com alusões satíricas a certos usos da Igreja.

A contundência e a violência da frase, a convicção forte de revoltado manifestam o intuito de combater o clericalismo, — atitude, como aliás dissemos, doutros poetas da época, dentre os quais sobressaiu Junqueiro, cuja posição em frente desse problema social foi, como se sabe, nítida e marcante, e a cuja costela satírica e combativa teremos de soldar, portanto, António Fogaça.

O Novo Visconde, a mais longa poesia de toda a obra, tem outro objectivo, outra intenção. E' uma sátira, no fundo, a certa classe de plebeus enriquecidos, a quem o Constitucionalismo e o dinheiro deram... cor azul ao sangue vermelho e um título de nobreza.

*Tem um vasto palácio, um labirinto,
onde espalhou, ébrio de luxo, avaro,
quanto existe de caro
desde o elegante ao cómodo e distinto.*

*É uma bela figura, um cavalheiro
que apenas sonha distinções, medalhas...
tendo ainda o seu quê de merceeiro
nas suíças grisalhas.*

*Consta que fez a consciência larga,
sem que a fizesse vil...
e que tivera uma existência amarga,
quando fora cabaco no Brasil.*

*Dizem alguns, porém,
que há nele qualidades atendíveis,
que é um homem de bem,
um talento incorrupto,*

*um brasileiro honrado ;
— mas há pessoas de opiniões terríveis,
que afirmam que o visconde é muito bruto,
muito patife e muito malcriado.*

.

O *nobre* titular, porém, é filho dum sapateiro do Minho, que, certo dia, acossado pela miséria, abandona a sua terra e dirige-se a Lisboa. Expulso violentamente do palácio pelos criados, que julgam tratar-se dum mendigo e não do pai do visconde, o velho vagueia, esfomeado, pela cidade. O caso fez rumor. Mas, passado tempo, não se falava no assunto, porque o ricaço comprara o silêncio a peso de oiro. No entanto, o visconde andava mudo e sem a alegria de outrora :

*— « Que haverá nele, amigo,
parece que anda pálido, tristonho ? ! . . . »
— « Eu lhe digo. Eu lhe digo . . .
Cá para mim suponho,
que . . . o visconde fidalgo e com dinheiro,
coitado ! tem desgosto,
em ver que os filhos no sanguíneo rosto
fazem lembrar o velho sapateiro ».*

A fluência e a naturalidade são perfeitas. E' a fluência

e a naturalidade de João de Deus nas suas fábulas, por exemplo. Certos quadros, breves de pormenores mas verdadeiros, traduzem uma surpreendente intuição da vida e não larga experiência dela, sabendo-se como foi curta a existência de Fogaça. E' a obra dum realista.

Novo aspecto, nova faceta do lirismo do Poeta, nesta parte do seu livro, revelam as poesias *No Quarto de Laís*, *Estância da Carne*, *Visão dum Leito* e *As portas de Corinto*. Impregnadas de sensualidade, são como as flores rubras do Desejo exalando um perfume forte e pagão. Mas o sensualismo de Fogaça não é o violento e cru erotismo dalguns poetas: há, em geral, comedimento dos sentidos, e o grau de volúpia atenua-o, redu-lo o autor com o uso de imagens elevadas, espirituais, ou de ingênuas expressões poéticas.

.
*Deixa-te desnudar, desprender-te o cabelo,
e arrancar-te, sonhando, as vestes perfumadas . . .
Não é herança do Oculto a beleza das fadas!
Nem as Rosas, nem Deus, Miguel Ângelo ou Rubens
honrariam o Sol quando está entre nuvens!*

(Estância da Carne)

A poesia *As Portas de Corinto* é a que traduz mais vio-

lenta vibração sensual. Bem realizada, — o conceito final, entretanto, sem grande valor — , lembra-nos, pelo voluptuoso sentimento que a domina, certos carmes de Catulo ou um canto grego de Lesbos :

*Ês para os olhos, deusa, a mais formosa ;
ês para o tacto a sensação violenta . . .
ês da Volúpia um fruto cor de rosa,
 teu hálito adormenta.*

*Dá-me um vinho tão loiro como a luz
que o Sol espraia sobre o azul do mar,
faz crescer em mim o gozo a flux,
 e deixa-me sonhar.*

. ,
*Quero sentir-me preso dos teus braços,
perfeitos como um sonho escultural ;
deixa que eu suba em lânguidos abraços
 a um róseo mundo ideal.*

*Mas depois, cortezã, ó flor da escória,
quando eu tombar exausto, amortecido,
lança-me à vala, eu devo ter morrido
 ébrio de gozo e glória ! . . .*

* * *

O espírito de Fogaça esplende nesta parte do livro em composições cujos temas ou ideias são de feliz e notável concepção. Certas, têm mesmo carácter de rara elevação, como *Mulher-Estátua*, *Fantasia Nostálgica*, *Ária do luto* e, sobretudo, essa formosíssima canção *Eterno Amor*.

Na primeira, o Poeta traduz, em alexandrinos correctos, a sua emoção ante uma estátua de mulher: possui beleza de formas, perfeição de contornos, majestade, mas tem a alma vazia, ausência daquele brilho espiritual que, quando existe, se reflecte no rosto e anima todo o corpo. Diante dela, da sua frieza distinta, da sua formosura gelada, o Poeta vibra de amor, que logo se muda em Admiração, pois só Admiração poderá sentir.

.....
*Esplende com a pompa e o ar da antiga Vénus,
mas sua alma é vazia, o seu gesto oprimido;
e como que há na luz dos seus olhos serenos
a moribunda paz do espírito abatido.*

.....
*E, apesar disso, em febre, — incansável desejo!
ai! quem nos consentira, a sós, pelo luar,*

*como em negro fadário e humílimo cortejo,
com os olhos no chão, irmos pô-la no altar! . . .*

Por que somos levados insensivelmente a imaginar — não a crer — que Fogaça glosou nesta composição o extraordinário soneto de Baudelaire *La Beauté*, de conteúdo semelhante e metro igual?

*Je suis belle, ô mortels! comme un rêve de pierre,
Et mon sein, où chacun s'est meurtri tour à tour,
Est fait pour inspirer au poète un amour
Éternel et muet ainsi que la matière.*

*Je trône dans l'azur comme un sphinx incompris;
J'unis un cœur de neige à la blancheur des cygnes;
Je hais le mouvement qui déplace les lignes,
Et jamais je ne pleure et jamais je ne ris.*

*Les poètes, devant mes grandes attitudes,
Que j'ai l'air d'emprunter aux plus fiers monuments,
Consumeront leurs jours en d'austères études;*

*Car j'ai pour fasciner ces dociles amants,
De purs miroirs qui font toutes choses plus belles:
Mes yeux, mes larges yeux aux clartés éternelles!*

O tema da poesia de Fogaça é um dos preferidos pelos poetas parnasianos. Além disso, há nela certa objectividade e impassibilidade, — dois princípios da escola que teve em França por chefe Leconte de Lisle. Manifesta ela em Fogaça o gosto, predominante na época, do Parnasianismo, uma tendência do Poeta — pela escolha do motivo e pela realização — para tal Escola.

Fantasia Nostálgica, dedicada a Fialho de Almeida, é uma prova da sua imaginação alada, do seu poder de abstracção. Saudoso dum Bem perdido, diligencia alcançar as superiores e serenas regiões da Espiritualidade, esse belo país distante, onde avista, em estado puro, radiosa e esplendente de atributos, a mulher que ardentemente ama. Porque o Poeta não crê na morte da Amada, como certos pais, como certas mães a quem morreu um filho querido, — morte que para a sua sensibilidade é um impossível. Assim o confessa na poesia *Eterno Amor*, em que, continuando a acreditar, por uma espécie de obsessão, na existência da mulher que ama, repudia a ideia do seu total desaparecimento, do aniquilamento de todo o seu ser, e segue amando-a, e segue adorando-a, confiante e decidido, como possuído de verdade, certo de que ainda a ouve, de que ela vive no seu espírito e no seu coração, de que ela vibra na sua alma, certo de a ver « como a via d'antes »,

plena de encanto e perfeição. Neste mundo? Não. Num mundo superior, de mais pureza e de mais luz.

.....
*Morta?... Jamais... É que eles
não percebem da Vida senão vendo
a alma como aqueles
imensos sóis que andam no azul ardendo.*

Sentem brilhar o fogo...
mas, se um dia qualquer se turba o céu,
talvez proclamem logo:
«É que o fogo extinguiu-se, a luz morreu».

E não sabem depois
que esse manto de nuvens, que se espalha
no ar, cobrindo os Sóis,
fê-lo Deus para imagem da mortalha.

A ti, rosa celeste,
assim a nuvem te escondera, assim...
Se julgam que morreste,
é bem melhor... Só vives para mim.

Por este conceito, o Poeta afasta-se da vulgar explica-

ção da vida das almas numa outra vida. E como sabe, e como sente, ou antes adivinha a existência corpórea da Amada, numa forma imortal e mais pura, — reflexo próximo de Deus —, vive contente, canta a sua alegria e exalta a sua Arte.

*A prova é que não choro . . .
que tenho como então cantos dispersos . . .
que és inda, alma que adoro,
o sonho, a vida e a glória dos meus versos ! . . .*

Nem sempre a musa de Fogaça se enfeita com as flores capitosas do riso e da alegria. « Mágoa e Risos » foi o nome que ele deu a este livro. Mágoa e Riso, os nomes que melhor conheceu o seu espírito. Dor e Prazer, — realidades mais sentidas e mais gravadas na sua alma. Tendo cantado a Alegria, o Prazer, o Amor, como deixaria de pôr em verso as reacções opostas desses sentimentos, a outra verdade do seu estado psíquico? . . . E assim é que o vamos surpreender em *Nova Pandora*, *Artística* e *Spleen* numa atitude de ironia, — ironia calma, mas nem por isso menos amarga, porque a ironia é filha da Dor, — e de sarcasmo. Outras vezes, é a tristeza sincera, o sentimento amaríssimo que inspiram as ruínas dum ideal, os destroços dum Sonho que se desfez, de tudo quanto outrora lhe inebriava a alma; é a renúncia,

é a fadiga, é o vazio produzido dentro de si em face das cinzas a que se reduziu a Ansiedade, em face da morte da Ilusão.

.
*Deslumbrantes sorrisos que amei tanto,
castelos de luar e primavera,
tudo eu vejo na sombra derrocado;
porque à ventura sucederá o pranto,
porque agora ninguém me diz: — Espera,
amar-te-ei ainda, desgraçado!*
.

(Ária do Luto)

Há na alma de todo o poeta « qualquer coisa » que o vulgar mortal não apreende. Chama-se-lhe vagamente sonho, ideal, aspiração, anseio. Esse « qualquer coisa » não pode ser traduzido perfeitamente na obra, sabendo-se como a forma é imperfeita. E os poetas, os artistas são então os insatisfeitos da Beleza. Só é possível adivinhar o defeito de Infinito que esforçam por eliminar, o seu desejo de ascensão, e que dores dramáticas alanceiam a sua alma!

Antônio Fogaça, moribundo, numa quadra improvisada no último movimento febril, *quadra-síntese*, referiu toda essa

sede de Infinito e a infinita tristeza que vem do sentimento da inutilidade de todo o esforço para alcançar o Absoluto:

*O Sol era o meu amigo;
Mas, como tanto se eleva,
Um dia que fui consigo
Caí, rolando na Treva!*

Os versos resumem toda a existência espiritual do Poeta.

* * *

Na maior parte das peças que formam esta colectânea há um ressaibo romântico indisputável. Já o acentuámos. A substância dalgumas e certo calor, certa eloquência, certo fogo de inspiração acusam-no. Como também já atentámos noutras, reveladoras de impessoalismo e de objectividade, que traem ou directas influências realistas ou deliberado sentir em unísono com uma atmosfera mental vitoriosa, com os novos horizontes que se respiravam... Cedo desaparecido, Fogaça não pôde cumprir a natural evolução do seu espírito que, visivelmente, tendia para a escola e ideias da geração de Coimbra: Antero, Teófilo, Junqueiro e os que se lhes seguiram.

No campo de minha mãe

No mundo dos espiritos deitos
pelo Senhor, já livres de amargura,
junto ao throno da aerea formosura,
onde He quem colhe os corações, desfeitos;

- paraigo sem dor, sem preconceitos,
com uma traça, sinais de nova escoria,
que se curiam-nos sua luz d'altura
nos curde de saudade nossos peitos;

nessa Templo Sano e clareza,
de eterna gloria e eterna liberdade,
- roxo mundo que a vida em vida iguala

e onde tudo apella aos pés de Deus;
lá, na explora, a que, enfim, chamamos-Ens,
é que todos devemos procurar!...

3 - Janeiro - 84. Ant. Fogaca

Continua o Poeta ostentando os tesouros duma forma vaporosa, natural, simples, correcta, fluente e fácil, — forma que surpreende pelo que tem de superiormente ideal, de eminentemente poético. Dir-se-ia que um esgotante trabalho, um paciente estudo de análise feito sobre o valor e o poder de cada vocábulo ou expressão é que puseram o autor na posse do segredo dessas palavras que, associadas, têm ressonância especial e misteriosa dentro de nós, força de sugerir, despertar ou produzir nos recessos do íntimo ser harmonias, sensações e ritmos particulares.

Escreveu Paul Valéry: (*) « A língua contém recursos emotivos de mistura com as suas propriedades práticas e directamente significativas. O dever, o trabalho, a função do poeta consistem em pôr em evidência e em acção essas forças de movimento e encanto, esses excitantes da vida real e da sensibilidade intelectual, que se encontram confundidos na linguagem vulgar com os sinais e os processos de comunicação da vida ordinária e superficial. Portanto, o poeta empenha-se em definir e construir uma língua dentro da mesma língua; e o seu trabalho, — que é longo, difícil, delicado, que exige as mais diversas qualidades de espírito, e que nunca pode dar por terminado porque nunca ele é perfeitamente possível, — visa a organizar o discurso de um

(*) *Les Fleurs du Mal*, de Baudelaire — Introduction.

ser mais puro, mais poderoso e mais profundo nos seus pensamentos, mais intenso na sua vida, mais elegante e mais feliz na palavra do que qualquer pessoa real. Essa palavra extraordinária reconhece-se pelo ritmo e pelas harmonias que a animam e devem ligar-se tão íntima e até tão misteriosamente à criação dela que o som e o sentido jamais possam separar-se e tenham correspondência indefinida na memória ».

Mas a palavra de António Fogaça, a que temos de reconhecer faculdades dinamizadoras e despertadoras de emoções, subtis recursos estimulantes da sensibilidade, não a teve ele por um processo de elaboração lenta e difícil. O verbo de Fogaça foi um dom, — um dom natural e divino, como o de muitos poetas, diremos, como o de todos os verdadeiros poetas. Em vez de frias operações algébricas incidindo sobre as virtudes sensíveis da expressão, inclinar-nos-emos por uma predestinada organização poética, pela posse dum rico temperamento artístico, produzindo e criando tão naturalmente, como as águas claras, sem o pensarem, jorram da terra...

Beleza formal tem-na, inegavelmente, a obra do Poeta, e para ela concorrem a formosura das imagens, a variedade das estrofes, do ritmo e da rima. Certas imagens impressionam e não se esquecem:

*Batem da Lua os raios no colar.
Sinto o teu corpo — um divinal tesouro;
e lembram-me essas formas, ao luar,
folhas de lírio com vislumbres de oiro.*

*Na puríssima tez, fresca e vivace,
que só de olhá-la fica um peito exangue,
tens uns veios azuis como se andasse
uma safira a percorrer-te o sangue.*

(No quarto de Laïs)

*Ei-la dormindo! Como a branca espuma
que deslisa ao quebrar duma onda enorme,
é seu leito tão flácido... que, em suma,
lembra uma concha onde a Volúpia dorme.*

(Visão dum Leito)

*dessa que tem a alma e a epiderme
tão formosa, tão branca e tão modesta,
como um jasmim pulverizado a prata.*

(Fantasia Nostálgica)

Os versos, ou agrupam-se em estâncias sem número certo, ou dispõem-se em tercetos, quadras, quintilhas, sextinas ou tercetos com hemistíquio, que realçam a beleza da composição, para a qual contribui também a diversidade dos metros, dos quais a nacionalíssima redondilha maior, o decassílabo e o largo e sonoro alexandrino são os mais cultivados. Particularidade curiosa: na poesia *Nova Pandora*, a rima, sempre emparelhada, torna-se cruzada nos últimos quatro versos de cada estância. Curiosa coincidência com a inovação que Eugénio de Castro propôs e largamente utilizou em seus versos, e fez parte do seu revolucionário programa simbolista.

Não descuidou Fogaça esse elemento precioso do verso, a rima, de que sempre usou com perfeita consciência e ciente do aumento de musicalidade que imprime à frase poética. Hoje, descurada por uns e abandonada por outros, ainda representa uma conquista nossa, uma novidade sobre a arte dos antigos clássicos. A propósito, acode-nos ao pensamento a frase de Baudelaire: «...le rythme et la rime répondent dans l'homme aux immortels besoins de monotonie, de symétrie et de surprise» (*). E também de Óscar Wilde, o grande artista, estas palavras: «A rima é esse eco adorável, que nos recintos da Musa, além da própria voz

(*) *Projets de Préface* in *Les Fleurs du Mal*.

cria a sua repercussão, que nas mãos dum verdadeiro artista se torna não só um elemento material de beleza métrica, mas também um motivo espiritual de pensamento e paixão, pois rasga novos horizontes intelectuais, eleva as ideias, e por sua doçura e sugestão abre-nos os umbrais de oiro, a que a própria imaginação em vão batera antecipadamente. A rima transforma a eloquência humana na linguagem dos deuses. É a única corda, que até hoje acrescentámos à lira dos gregos ».

III

O grupo de trinta sonetos que formam a segunda parte do segundo livro dos «*Versos da Mocidade*», apresenta-nos António Fogaça sob novo aspecto — o aspecto dum sonetista de valor. Uns pela concepção, outros pela forma, muitos pela ideia e pela execução, o certo é que revelam um verdadeiro poeta e um triunfante dominador da difícilíssima técnica do soneto.

Pode-se dividi-los em dois grupos: os objectivos e os subjectivos. (É uma divisão muito geral, que não queremos rigorosa e que adoptamos apenas para facilidade da nossa exposição). Os sonetos *objectivos* são os que traduzem a adesão do Poeta ao Realismo: pequenos quadros, retratos breves, expressão impessoal do mundo externo. Exemplos: *A Gaivota*, *Tela Rústica*, *Sob a Magnólia*, *Doida*, *Na Volta da Pesca*, *Inconsciência*. Os *subjectivos* põem a nu a alma do Poeta, os seus estados íntimos de dor ou de ven-

tura, os seus sonhos, as suas alegrias, as suas ilusões, os seus anseios; são a sua fotografia mais verdadeira, pois livremente exprimem os movimentos do seu espírito e do seu coração: *Esponsais no Azul, Divino Ser, Opticismo, Paixão, Enquanto Ela Dorme, Ideal Sombrio, A Saudade, Sonhada Esposa, Longe da Terra, Suavíssima, Ilusão Constante, Os Rouxinóis, O Amor e o Ódio, Desgostosa, A Minha Alma e o Inverno*, etc. Mais numerosos são, pois, os sonetos de carácter pessoal ou subjectivo.

Muitos deles atestam a compleição fortemente lírica de Fogaça, cujo espírito gostava de pairar muito acima, nas altitudes só reservadas aos grandes. A ideia elevada, embora vulgarizada, de participar a sua alma da essência da mulher amada, a ideia da mesma alta origem comum aos pés de Deus,

.
*tiveram, numa olímpica vertigem,
aos pés do criador, na mesma essência,
a minh'alma e a tua a mesma origem.*

é referida em soneto cheio de beleza, que intitulou *Divino Ser*. Tem acentuado sabor camoniano e é, pela alta concepção, como um daqueles sonetos que tiveram voga no século XVI e a que chamam de tipo platónico-quinhentista.

Em *Desgostosa* materializa o seu ideal feminino. O porte majestoso, a gentileza, a doçura, a honestidade são os ornamentos que reveste o ser amado. Continua a vê-lo pelo prisma petrarqueano.

Nalguns sonetos mantêm-se o erotismo das composições da restante obra: *Sonhada Esposa, Noite de Núpcias, Romanticismo*.

*Que o gozo inunde o conquistado leito!
E abracem-me teus beijos como estrelas
que do céu me caíssem sobre o peito.*

(Noite de Núpcias)

O sensualismo é, no entanto, temperado de sonho. Raro os seus gritos de desejo são expressão de intensa volúpia amorosa, de prazer carnal, gozo infrene dos sentidos, êxtase sensual... Geralmente, é no céu ou em regiões serenas e doiradas de poesia e pureza que quer possuir a sua amada. Tal sucede em *Esponsais no Azul* e *Longe da Terra*, — sonetos carregados de sonho, em que a forma ideal do Poeta tão bem se casa com a fluidez da sua ansiedade, com o vago e o etéreo dos seus desejos...

.....
o poeta exclamou, cheio de sonho :
« Nesse país suavíssimo e risonho
é que eu hei-de esposar-te, minha amada ! »

(Esponsais no Azul)

*É que em sonhos sòmente é que desejo !
— em sonhos, porque em sonho é que eu a escuto,
a sinto, a compreendo, a adoro e a vejo ! . . .*

(Longe da Terra)

Livro da Mulher, hinário feminino, breviário do Amor, não estranhemos que os *Versos da Mocidade* sejam, por vezes, uma espécie de relatório um pouco circunstanciado dos amores do Poeta, dos seus amores passados e presentes, e desses pequenos nada, tantas vezes encantadores, que os acompanham e lhes dão relevo poético. Se o assunto é trivial, a banalidade é compensada e quase desaparece com os esplendores da forma, com a mestria da metrificação, a música verbal, o ritmo afagante e caricioso . . . Oicámo-lo no soneto *Os Rouxinóis*, um simples queixume de saudade, mas em que a técnica atinge a perfeição :

*No meu jardim, num cedro em que a frescura
e a flor da novidade vêm brotando,
poisa, por vezes, um ditoso bando
de alegres rouxinóis, entre a verdura...*

*Quando ali vou, tristíssimo, à procura
de sossego e de luz, de quando em quando,
sinto-os vir e poisar, oiço-os cantando,
no doce idílio duma paz obscura.*

*E, desditoso, eu lembro com saudade,
último brilho do meu peito ardente,
que assim também, num íntimo vigor,*

*sobre o flóreo jardim da mocidade,
cantaram na minha alma alegremente,
como no cedro, os rouxinóis do amor!...*

Doutro género é o soneto *Tela Rústica*. Revelador da visão plástica do Poeta, é o quadro, traçado com fidelidade parnasiana, dum recanto bucólico do seu Minho, desse grande jardim verdejante e florido, à hora do meio-dia, na estação calmosa. Com verdade, evoca os eirados, onde jantam, à sombra, os cavadores; o zumbido dos insectos e o chalar das aves; os bois pastando mansa-

mente nos prados húmidos e viçosos; o sussurro leve e cantante de ribeirão esperto riscando com fios de prata veigas e chãs floridas de verde; as crianças colhendo os frutos nas árvores e entoando trovas populares; as vinhas donde pendem formosos e roxos cachos de uvas... Tudo certo e bem visto, e tudo dentro do curto molde de catorze versos:

*Meio dia. A estação canta radiosa,
colorida e vibrante; nos eirados
jantam à sombra os homens fatigados
pelo esforço da vida trabalhosa.*

*Dos insectos a turba luminosa
volteia e zumba; percorrendo os prados
andam as aves chilreando, os gados,
e a corrente das fontes murmurosa.*

*Colhem à cesta o fruto nos pomares,
ditosas, as crianças, num delírio,
descantando os seus versos populares...*

*E, nas vides, do alto, enchendo a vista,
brilham ao sol as uvas, cor de lírio,
como cachos enormes de ametista.*

Tema já de si poético, tratou-o Fogaça com uma sobriedade que não exclui todavia o vocabulário necessário para os necessários efeitos rítmicos. E à beleza pictural alia o soneto impecabilidade de técnica.

Na Volta da Pesca é também um quadro breve, mas completo. Tem um assunto: o naufrágio dum barco de pescadores, cujos parentes assistem na praia ao desenlace trágico e vivem momentos de angústia e de terror; tem fundo: o mar agitado por súbita tempestade e a embarcação perdida em meio das vagas; tem movimento, sequência de planos: o sol alumia frouxamente o mar, a chuva cai, os ventos desencadeiam-se, diminui a luz, sucede a noite, as mães, as esposas e os filhos dos náufragos, na terra, implorem a protecção divina; mas, entre gritos e desespero, o barco some-se no pélago...

*A embarcação previra a tempestade;
mas sem remos, nem velas, nem defesa,
sublevando-se as ondas com surpresa,
viu-se perdida pela imensidade...*

*O Sol, no ocaso inglório, sem piedade,
beijava o mar; revolta a natureza,
— a chuva, a sombra, os ventos e a tristeza
iam batendo a frouxa claridade...*

*Veio a noite ; na praia, comoventes,
as esposas, os filhos e os parentes
imploravam do Deus das maldições,*

*misericórdia ! Mas, entre luto e mágoas,
a embarcação sumira-se nas águas,
cobriram-se de pranto os corações.*

E' um soneto vasado nos moldes realistas. Em face dum grande drama, o Poeta não se emociona, permanece impassível e indiferente, — indiferença e impassibilidade que ele nota, de resto, na Natureza e no próprio Deus que assistem, impiedosos, às lágrimas e ao luto de tantos corações. As suas qualidades de descritor e a correcção dos seus versos aproximam-no de Gonçalves Crespo, poeta do Realismo, autor de *Mater Dolorosa*, o perfectíssimo soneto que assim começa :

*Quando se fez ao largo a nave escura
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrimosa estátua da amargura.*

* * *

Discriminemos ainda certos propósitos ou atitudes do Poeta que, por seu interesse e beleza, não devem passar sem registro. Possui Antônio Fogaça sonetos em que, saindo dos limites marcados pelo seu individualismo, aborda os grandes temas universais e humanos.

O dualismo constante da Vida, da Vida que se divide em dois grandes mundos morais, — o da Dor e o do Prazer —, dois mundos que se opõem e, no entanto, se equilibram, a Miséria que luta e a Ventura que ri e goza, preocupa-o, e, por isso, como um moralista, como um Sá de Miranda, afirma:

*Sempre o contraste! As lágrimas e o riso!
Uns agora a chorar, outros cantando!
Daqui — o Horror, dalém — o Paraíso!*

*Ou subir, ou descer. Continua lida!
— como as ondas, erguendo-se e quebrando
no equilíbrio fantástico da Vida!*

(Dor e Prazer)

Sagaz perscrutador dos mistérios profundos da Vida, tentando a explicação de torturantes enigmas anteriores, o Poeta, em tudo quanto vê, nota harmonia perfeita, como se

todas as coisas intimamente se compreendessem; em contraposição, nada percebe dos movimentos da sua alma, — dos seus desejos, dos seus anelos, das suas dores, dos seus contentamentos. E, em atitude de observador e observado, fixa o contraste:

*Nesta flórea paisagem que estou vendo
tudo entre si parece compreender-se...
Só a minh'alma é que eu não compreendo!*

(Inconsciência)

O soneto termina, como é de uso dizer-se, com chave de ouro: o último verso tudo diz, encerra todo o pensamento gerador da composição e realça bem, por inesperado e rápido, o referido contraste entre os fenómenos naturais e os psíquicos. Por isso, quase todo o soneto é ocupado com o descritivo da pacífica paisagem campestre e a observação do equilíbrio existente entre todas as coisas da Natureza.

Esta sensação do equilíbrio universal, que Fogaça tão bem surpreendeu nas origens de todo o existente, leva-o a explicar, e muito poeticamente, a criação, no Mundo, da primeira noite por Deus, que, compadecido das mágoas da Natureza,

*baixando o Sol à túnica das águas
deste modo ensombrando as róseas telas,*

*disse-lhe: « Chora; é triste o que te escuto! »
E cobriu-a de lágrimas e luto,
dando-lhe a noite e dando-lhe as estrelas.*

(A Primeira Noite)

Os sonetos finais ostentam a marca da Descrença, a qual se acentua no último, que tem por título *Indiferente*. Aspirando a completa quietação moral e espiritual, o Poeta divorcia-se do mundo, das suas tristezas e alegrias, e deseja passar uma vida isenta de mágoas e cuidados, conhecer apenas o repouso, a tranquilidade, banhado do « luar do espírito sereno ». Estranho soneto esse, escrito como se o espírito do autor tivesse cumprido uma evolução completa e normal, como se tivesse lutado longamente com problemas angustiosos e prementes, e dessa luta saísse, ao cabo da vida, desiludido e descrente, fatigado e a tudo indiferente, só com o desejo de acabar num *quietismo* sincero, numa espécie de Nirvana, que fosse um oásis de frescura ou a anestesia da sua dor:

*Bem sei que já não tenho quem me acoite
sob a luz dos seus olhos, mas, no entanto,
que sossego, que flácido quebranto
no bem-estar suavíssimo da noite.*

*Ninguém agora o coração me afoite,
seja a tristeza, seja mesmo o encanto;
já não creio no riso, nem no pranto,
nem na desgraça com seu negro afoite.*

*Passo a vida sem brilhos no descanso.
Nem se me extingue o ser de alucinado...
Nem mesmo os olhos para o mundo largo.*

*Sempre ante mim um cárcere pequeno;
sempre a noite sem mágoas, sem cuidado;
sempre o luar do espírito sereno.*



O Poeta (de pé, à direita) com um grupo de
condiscípulos e amigos íntimos, em Coimbra

IV

Que lugar deve atribuir-se a António Fogaça na Literatura Portuguesa?

Não escondemos o arrojo da pergunta nem a pouca facilidade da resposta. A fugaz existência do autor dos *Versos da Mocidade* e doutras produções que andam dispersas por jornais da época e em mãos de parentes, amigos e condiscípulos, não lhe deu ensejo a criar mais vasta obra, por onde se aferissem mais completamente as características das suas tendências e as suas predilecções estéticas. Ficando, portanto, na curva ascendente da evolução espiritual que os artistas, de mais larga vida, descrevem, resulta evidente a dificuldade em se lhe marcar um lugar bem definido dentro do grande quadro dos líricos nacionais.

No entanto, e considerando tudo quanto expusemos acerca da obra do malogrado Poeta, poder-se-à assentar, à guisa de conclusão, em que António Fogaça foi um lírico à

maneira de João de Deus, denunciando um temperamento romântico, uma organização sensível, um espírito imaginativo; e, por outro lado, — alma aberta às sugestões estéticas do momento, aos novos rumos da Arte —, poeta do Realismo, escrevendo sonetos tão brilhantes e tão correctos como os melhores de Gonçalves Crespo e de João Penha. Só incidentalmente surge o combativo, lançando os olhos para as imperfeições do mundo, e então agita o látigo da revolta ou faz vibrar a cascalhada irónica, que foram dons da musa de Junqueiro.

Mais geral, mas nem por isso menos nítida, conclusão é a de que Fogaça deve considerar-se um representante desse puro veio lírico nacional que, brotando em Bernardim, ou possivelmente mais longe, passa por Rodrigues Lobo e por Gonzaga, se alarga em João de Deus e aparece, em nossos dias, cantante e doce, nos versos harmoniosos de Augusto Gil. Será esse elemento *lusíada* um dos que informam o lirismo do nosso Poeta, ao qual juntaremos o elemento *pessoal* que se revela, particularmente, nas *Orações do Amor*, cuja alta originalidade já deixámos acentuada. Entre os dois, e marcando ainda a sua idiosincrasia, um terceiro elemento, menos reconhecível e mais difuso na sua obra, proveniente da lenta caldeação de elementos mesológicos, com reflexos e vestígios na alma do Poeta, como na de todo o ser.

De facto, na obra de António Fogaça — reflexo do seu *eu* — derramam-se a doçura e a bondade das paisagens mi-nhotas. Prolongamento da doce terra galaica, o Minho forma com ela um rico e fofo tapete verde — verde variado e não monótono — estendido amorosamente aos pés azuis do Atlântico imenso... Entre o Mar e as serranias distantes, fronteiriças, matizando e avivando a preciosa alcatifa, dando-lhe suavidade e frescura bucólicas — o ondulado e macio de montes e colinas, lavrados uns, já produtivos outros e sempre coroados de bastos pinhais; as veigas fér-teis, as chãs e leiras floridas, as matas rescendentes; os rios serenos e longos, rios de maravilha, correndo submissos para o Oceano, saudosos das belezas que viram e do bem que gozaram; arroios e ribeiros coleantes abeberando, con-tentes e humildes, milhos loiros e raízes fundas — abraço amigo da terra à água, traço de união entre a encosta e a margem, onde se somem e escondem, envergonhados de si... Cobrindo toda essa geórgica que é o Minho — a vasta safira do céu, sempre amável e sempre benigno; e, ilumi-nando-a, o sol vivo e forte, que dilui a névoa e fecunda a leiva — leiva generosa que produz há mil anos sem jamais se cansar.

Vivo e prazenteiro é o homem, que ri como a paisa-gem, porque a Terra é pródiga e a Natureza bondosa. Como o quadro que o cerca e em que se move, avulta nele um

fundo de amor, de poesia e de bondade. Por isso, temperamento oposto ao do rude e áspero filho das montanhas severas, o aldeão minhoto saúda, espontânea, alegre e humildemente, o caminhante com estas lindas e boas palavras: «Santas tardes!» E, querendo ao torrão, amando o trabalho, homens e mulheres, velhos ou novos, erguem, na múltipla faina do dia, o seu canto simples, que se casa no ar com os cantos das aves tombando do céu...

Gente que canta, gente que amanha as geiras humosas, gente que folga nas romarias — opulências de cor —, o verso é-lhe, como o canto e a dança, gostoso e fácil. Assim se compreende que fosse o Minho o solar das Letras pátrias, o rincão donde surgiu, nos alvares do Lirismo nacional, a primeira pléiade brilhante de trovadores-cavaleiros, de quem António Fogaça é um moderno e notável descendente.

F I M

NOTAS COMPLEMENTARES

NOTAS COMPLEMENTARES

(1) A casa em que nasceu A. Fogaça fica ao cimo da rua da Estrada (actual rua Dr. Manuel Pais), no sítio denominado «Beatas». Pertencia, e ainda pertence, à freguesia suburbana de S. Martinho (Vila Frescainha). Era propriedade paterna. O seu possuidor actual é o Sr. Dr. Elias Cardoso Lopes.

A certidão de baptismo do Poeta é do teor seguinte :

«Aos trese dias do mes de Junho do ano 1863, nesta egreja paroquial de Santa Maria Maior da Vila de Barcelos, concelho da mesma Vila, Diocese de Braga, baptisei solenemente e pus os Santos Oleos a um individuo do sexo masculino, a quem dei o nome de António Maria, e que nasceu às quatro horas da tarde do dia onze do mes de maio do corrente ano, supradito, filho legitimo primeiro deste nome Martinho Antonio Gomes, natural desta dita Vila, proprietario e Medico cerurgião e de Dona Maria José do Carmo Machado Fogaça, proprietaria, natural da Ilha de São Miguel, Diocese de Angra do Heroismo, recebidos na freguesia de São João do Souto da cidade de Braga, e moradores no lugar do Benfeito, freguesia de São Martinho de Vila Frescainha do conce-

lho e Diocese dita, neto paterno de Manuel José Gomes de Araújo, Bacharel em Medecina, e de Dona Ana Joaquina de Faria, desta dita vila e materno de Miguel Machado Miranda Fogaça, natural da Vila de Esposende, do concelho da mesma vila, e Diocese de Braga, e de Dona Violanta Ermelinda Rebelo Machado, natural da Ilha de São Miguel dos Açores, e presentemente moradora na rua da Estrada desta vila de Barcelos. Foi padrinho o Ilustrissimo Antonio de Mendanha Arriscado, solteiro, actual Administrador deste concelho e madrinha Dona Maria José de Mendanha Arriscado, solteira, Irmã do mesmo padrinho e moradores no largo do Tanque desta dita Vila e os quaes todos conheço serem os proprios. Declaro que por uma Veneranda portaria de Sua Excelencia Reverendissima, foi concedida licença para ser baptisada esta creança visto ter passado os dias da Lei. Esta creança foi baptisada nesta paroquial Egreja em virtude de uma licença em escrito do Reverendo Paroco de São Martinho de Vila Frescainha, donde os pais da creança são paroquianos. E para constar se lavrou em duplicado este assento que depois de ser lido e conferido perante os padrinhos comigo assinaram era ut supra. O Padrinho Antonio de Mendanha Arriscado . D. Maria José de Mendanha Arriscado, Dom Prior Antonio de Lima Miranda».

(²) Faleceu em 1926, sendo secretário da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Amicíssimo do irmão, a quem adorava e de quem era companheiro inseparável, a morte prematura do Poeta deixou-o fundamente abalado e inconsolável na sua dor.

(³) Na cidade do Porto, onde reside, vivem outros parentes,

menos próximos, do autor dos *Versos da Mocidade*. Há ainda Fogaças em Barcelos, em Lamego e no Brasil. Com a referida irmã do Poeta convivem, no Porto, os filhos de Francisco Fogaça e a mãe destes, D. Maria do Carmo dos Santos. Um deles, de nome João Carlos, herdou a vocação literária que andava na família: faz versos.

Joaquim Leitão, no seu *Guia Ilustrado de Esposende*, referindo-se às casas brasonadas existentes na mesma vila, escreve (pág. 17): «Só uma (existe), a da família Fogaça, de que descende Francisco Fogaça, cujo coração a morte do inspirado poeta António Fogaça enlutou para sempre». Como se vê do texto da certidão de baptismo, transcrita em a nota (1), o avô materno de António Fogaça era natural de Esposende e chamava-se Miguel Machado Miranda Fogaça.

(4) Depois de terem feito os primeiros estudos em Barcelos com um professor, os dois irmãos, Francisco e António, foram enviados para Braga, em cujo Colégio do Espírito Santo cursaram os preparatórios liceais. Mas os haveres familiares, após a morte do Pai, não podiam com tal sacrifício e a falta de meios necessários obrigou os dois irmãos a abandonar o Colégio, onde já se distinguiam por seu irrequietismo e pouca inclinação para o cumprimento rigoroso de deveres e regulamentos disciplinares.

(5) Foi o desejo de dar uma educação quanto possível completa a seus filhos que levou a Mãe do Poeta a retirar-se, com os seus, de Barcelos para Coimbra (1880). As filhas, Maria dos Prazeres e Maria do Patrocínio, internaram-se no Colégio das Ursuli-

nas. António Fogaça estudou com afínco, por fora, os preparatórios do liceu e, cinco anos depois, matriculava-se na Faculdade de Direito.

A uma das irmãs enviou o Poeta, com o pedido de despacho favorável, o seguinte chistoso *requerimento* em verso, que encontrámos entre algumas poesias inéditas, escritas despretensiosamente:

Ex.^{ma} Sr.^a Superiora

*Diz António Maria Gomes,
Conhecido por Fogaça,
Que p'ra viver descansado,
Por desejo genuíno,
Vem solicitar a graça,
De mesmo como criado,
Neste colégio Ursulino
Ser admitido já.*

*E sabendo que há lugar,
Mas que difícil será
Logo de vago encontrar
Um, que seja de seu gosto,
Das senhoras, à vontade:
Isto é, ou escudeiro
Ou moço de refeitório.*

*Mas requer, por caridade,
Que sempre seja o primeiro*

*Se o lugar de dormitório
Não estiver preenchido.*

*E despachado o pedido
A verdadeira justiça,
Espera, que se lhe dê,
Pois até ajuda à missa,
Tudo fazendo de graça.*

*E receberá mercê
O requerente Fogaça.*

Coimbra, 14 de Dez.º 80

Tinha 17 anos.

(6) Amigos íntimos de António Fogaça em Coimbra: além do irmão Francisco, Silvestre Falcão, Dr. José Beleza, Dr. Joaquim Álvares da Silva e Dr. Sá Fernandes. Outras pessoas, que vieram a ocupar lugar de grande destaque na sociedade portuguesa, distinguiram os Fogaças com a sua amizade: Dr. Alberto de Oliveira, J. Batalha Reis, Luis Freitas Ribeiro (de Guimarães), Dr. Estêvão de Oliveira, Dr. Manuel Monteiro, D. António Barroso, Drs. José e Luis Novais, Visconde da Fervença, Dr. Alberto Osório de Castro, Ernesto de Vasconcelos, Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Dr. Correia Simões (que foi deão da Sé de Braga), etc.

(7) A 1.^a edição dos *Versos da Mocidade* — parece que a

expensas de amigos e condiscípulos — foi feita, em Coimbra, na Tipografia de M. C. da Silva, em 1887, como deixámos dito. A 2.^a foi empreendida, em 1903, pela Livraria Moreira Editora, do Porto, e impressa na tipografia da Empresa Literária e Tipográfica, da mesma cidade. É a reprodução da 1.^a, apenas contendo a mais um retrato do Autor em litografia. A 1.^a edição anuncia, na capa, o seguinte:

Do mesmo Autor,
a entrar no prelo:

LIVRO NOSTÁLGICO — Poemetos e Lendas — 1 vol.

Em preparação:

ESTROFES BOÉMIAS — Variações da musa Coimbra — 1 vol.

A. Fogaça publicava os seus versos em jornais e revistas de Coimbra e do Porto, como ficou dito no texto, e ainda (de 1883 a 1885) no semanário «Aurora do Cávado», de Barcelos, dirigido por Rodrigo Veloso, e na «Ilustração Portuguesa», de Lisboa (desde 1884 até 1887). Muitas dessas composições, porém, não figuram nos «Versos da Mocidade».

(⁸) Por informações colhidas posteriormente, tivemos conhecimento de que o Poeta amou, e apaixonadamente, certa menina de Coimbra, jovem de 16 ou 17 anos, que era conhecida geralmente por uma alcunha que lhe proveio do facto de ter represen-

tado determinado papel numa peça teatral de estudantes. Apenas pudemos saber que o seu primeiro nome era Elisa.

A propósito dos amores do Poeta, diremos ainda, a título de curiosidade, que, se amou, foi também amado: menina da Póvoa de Varzim levou os extremos da sua paixão pelo Poeta a ponto de deixar de alimentar-se e procurar morrer por definhamento físico. É que Fogaça foi sempre insensível a tal paixão.

(⁹) A certidão de óbito reza o seguinte:

«Aos 27 do mês de Novembro de 1888, às duas horas da tarde, em uma casa da Couraça de Lisboa n.º 57, desta freguesia de S. Cristovão de Coimbra, faleceu tendo recebido os sacramentos da Santa Madre Igreja, um indivíduo do sexo masculino por nome António Maria Gomes de Machado Fogaça, estudante do 3.º ano de Direito, de 25 anos de idade, filho legítimo de António Gomes de Araújo e de Maria José Fogaça. Foi transportado, com a devida autorização, para o cemitério de Barcelos; e para constar, lavrei em duplicado este assento, que assino. Erat ut supra. O pároco encomendado (a) Eduardo Augusto Gomes Freire».

O Poeta e os seus tinham habitado outra casa na Couraça de Lisboa. Era a de n.º 109.

(¹⁰) A *Gazeta do Povo*, semanário que ao tempo se publicava em Barcelos, dirigido por António Esteves, no seu n.º de 1 de Dezembro de 1888 (ano 4.º, n.º 204), refere os seus nomes: Francisco Bastos, Pires de Vasconcelos, Huet Bacelar, Manuel Gomes de Oliveira, João Novais, Joaquim Álvares da Silva (os dois últimos conterrâneos do Poeta) — todos do 3.º ano de Direito; José

Júlio Vieira Ramos (do 4.º ano de Direito, patricio do Poeta); Silvestre Falcão (aluno de Medicina) e Eduardo de Almeida (escritor).

O mesmo semanário, no mesmo n.º, publicou uma reportagem do enterro de A. Fogaça. Desenvolvida reportagem dos seus funerais fizeram também os diários de Lisboa e Porto, especialmente «O Século» e «O Primeiro de Janeiro».

(11) O Dr. José Novais, que conduzira a chave do caixão, era então o presidente da Câmara Municipal de Barcelos.

(12) Não ficou insensível a terra natal do Poeta ao seu falecimento. O n.º atrás citado da *Gazeta do Povo* e o de 7-XII-1889 contêm artigos vários, em prosa e em verso, de rendido preito à sua memória. E não merece ser esquecida a generosa iniciativa de um grupo de rapazes barcelenses, admiradores do talento e do coração do vate, que tiveram a formosa ideia de fundar, em Barcelos — isto há uns 45 anos —, o «Grupo Académico António Fogaça». A propósito, não resistimos ao desejo de transcrever integralmente o officio que a Comissão fundadora do Grupo, do qual era presidente Ilídio Nunes, dirigiu a Francisco Fogaça, nas vésperas da sua fundação:

«Barcelos, 23 de Abril de 1904

Il.º e Ex.º Sr. Francisco Fogaça

Il.º e Ex.º Sr.

A Comissão fundadora do «Grupo Académico António Fogaça» deliberou, na sua última reunião, solicitar de V. Ex.^a a su-

bida fineza do seu auxilio para a instalação deste Grémio; e a honra de assistir à sua sessão solene inaugural, no próximo dia 1.º de Maio, e à romagem que a seguir se fará ao túmulo do saudoso e inolvidável poeta, que nos deu o nome, e que é indubitavelmente uma das maiores glórias literárias de Barcelos.

Côncios de que V. Ex.^a, com a amabilidade que o caracteriza, não deixará de aceder a estes nossos pedidos, desde já protestamos o mais profundo reconhecimento, subscrevendo-nos com a máxima consideração

De V. Ex.^a, criados muito atentos,
veneradores e obrigados

Ilidio Nunes

João Vieira de Castro A. e Gama

Antônio Macedo Martins Lima

José dos Santos Caravana

Eliseu Azevedo ».

A vida do «Grupo», se a teve, foi por certo efêmera. Mas fique registada a simpática ideia.

* * *

Outras homenagens, posteriormente à sua morte, foram prestadas à memória do infortunado Poeta. Além das que foram já referidas no texto, registem-se ainda as seguintes dentre as que, em verso ou em prosa, se verificaram até ao presente:

Em *O Século*, de 29-11-1888, com uma apreciação de H. Salgado ;

Na publicação portuense *Charivari*, de 1889 (Ano III, Pág. 105);

No *Fornal para todos*, de Coimbra (n.º 3, ano I, de 20-7-1889), com uma poesia de Joaquim de Araújo, intitulada «Na Morte de António Fogaça» ;

Na *Enciclopédia das Famílias* (n.º 17, de 1889, pág. 265), com uma produção poética de Albertina Paraíso, sob o título de «António Fogaça» ;

Em *A Lágrima*, quinzenário ilustrado, de Barcelos, dirigido por Augusto Soucasaux (n.º 18, ano V, de 13-9-1896), com um artigo assinado por A. F. Barata ;

No semanário ilustrado *Branco e Negro*, de Lisboa (n.º 72, ano II, de 15-8-1897), com um artigo assinado por António Júlio Vale e Sousa, intitulado «Poetas Mortos» e acompanhado de um desenho do Poeta feito pelo autor. Insere o mesmo número do semanário uma poesia que Fogaça dedicou «À Tuna Compostelana» ;

Em *O Primeiro de Janeiro*, de 29-2-1944, com um artigo de fundo, da autoria do poeta Júlio Brandão ;

Em *O Primeiro de Janeiro*, de 5-1-1945, com uma crónica de Coimbra, firmada com a inicial S.

ÍNDICE

	PÁG.
EXPLICAÇÃO PRÉVIA	5
A VIDA DO POETA	11
PRINCIPAIS EFEMÉRIDES RELATIVAS À VIDA DE ANTÓNIO FOGAÇA .	45
O ESPÍRITO DO POETA ATRAVÉS DOS «VERSOS DA MOCIDADE» .	47
NOTAS COMPLEMENTARES	101

GRAVURAS

O POETA ANTÓNIO FOGAÇA.	4-5
CASA ONDE NASCEU O POETA	22
UM TRECHO DA PAISAGEM BARCELENSE	44-45
FAC-SÍMILE DE UM SONETO DE FOGAÇA	78-79
O POETA COM UM GRUPO DE CONDÍSCÍPULOS E AMIGOS. . .	96-97

COMPOSTO E IMPRESSO NO MÊS
DE JUNHO DE 1949, NAS OFICINAS
GRÁFICAS DA LIVRARIA CRUZ
----- BRAGA -----

10/2/89

BARCELOS

CÂMARA PROGRAMA HOMENAGEAR ANTÔNIO FOGAÇA

A Câmara Municipal de Barcelos vai comemorar, através do Pelouro da Educação e Cultura, o 1º centenário do falecimento do poeta Antônio Fogaça.

Trata-se de um poeta varcelense do século XVII e que faleceu apenas com 25 anos, vítima da febre tifóide.

Integrado nesta data, foi também lançado um concurso de poesia para alunos das escolas secundárias e preparatórias do concelho.

Os prémios são de 10 e cinco mil escudos, em livros, para o 1º e 2º classificados pelo Júri.

Os trabalhos deverão ser apresentados até ao final do corrente mês e os prémios entregues no decorrer da sessão solene de homenagem a Antônio Fogaça, a qual irá ter lugar em 20 de Maio, mês em que nasceu o poeta.

Durante a mesma a dr.ª Maria Pilar Figueiredo pronunciará uma conferência e procederá ao descerramento de uma placa toponímica.

CAMPO 25 DE ABRIL

O Campo 25 de Abril, um dos principais espaços da capital do ar-

tesanato, vai ser remodelado.

A tarefa está confiada aos trabalhadores do Serviço de Obras da Câmara Municipal, actualmente em arranjos urbanísticos na Rua de Trás das Feiras.

A constituição da praça e a abertura da nova via, segundo o enfiamento da rua do Campo 25 de Abril, vai originar a redução do espaço destinado o estacionamento.

Para atenuar a diminuição desse espaço, está prevista a criação, ao longo da Rua Padre Alfredo Martins da Rocha, de um parque em espinha, e de uma bolsa, com a mesma finalidade, logitudinal, na rua Campo 25 de Abril.

Além destas beneficiações, o local vai ser alvo, de igual modo, de motivos decorativos, com a implantação de um chafariz, colocação de bancos e de modernos candeeiros de iluminação.

O vereac-
liderar a can-
cidade afirmo
positivos na ci

Falando
radiofónico, Pedr-
"o aproveitament
crianças que são
adultos".

O vereador revel
são colocadas em loc
cidade, nas princip
esmola para os ac
tarde, as vêm reco
nheiro que elas g

O autarca vo
os bracarense
que, ao dar
beneficiar "q
selhou-os a d
Caritas ou à
Vicente de Pa

Estas in
depois as ver
necessitada

Pedr-
casos d
resc-

APOIOS A INVESTIMENTOS TURÍSTICOS EM VIANA, CAMINHA

biblioteca
municipal
barcelos



6539

© Poeta António Fogaya